

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC - SP

Lorena Rodrigues de Oliveira

Perfil e visão de trabalho expressa por professores eventuais de escolas de uma
Diretoria de Ensino da Rede Estadual de São Paulo

MESTRADO EM EDUCAÇÃO:

Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Lorena Rodrigues de Oliveira

Perfil e visão de trabalho expressa por professores eventuais de escolas de uma
Diretoria de Ensino da Rede Estadual de São Paulo

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, sob orientação da Prof^a Dra. Helena Machado de Paula Albuquerque.

SÃO PAULO

2010

Banca Examinadora

OLIVEIRA, Lorena R. de. 2010. *Perfil e visão de trabalho expressa por professores eventuais de escolas de uma Diretoria de Ensino da Rede Estadual de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. São Paulo: PUC/SP.

RESUMO

Os professores eventuais atuam nas escolas da rede estadual de São Paulo como meio de sanar o problema das faltas dos professores titulares, substituindo eventuais ausências. São cerca de 17 mil professores trabalhando como professores eventuais, que podem ser considerados plantonistas da escola, sem qualquer garantia e estabilidade profissional. O objetivo principal desta pesquisa é traçar um perfil de professores eventuais na Diretoria de Ensino de Caieiras, região metropolitana do estado de São Paulo e identificar a visão que eles expressam acerca do seu trabalho e de sua situação profissional. Trata-se de conhecer quem são, como percebem o seu trabalho e sua relação com a organização escolar. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, cujos instrumentos para a coleta de dados, no ano de 2009, foram a aplicação de questionários, entrevistas semi-estruturadas com professores eventuais e análise documental. A pesquisa tem como referencial, principalmente, os trabalhos de Gimeno Sacristán (1999), Vorraber (1995) e Huberman (1995). Os resultados apresentados em quadros e tabelas sugerem que os professores entrevistados são, na maior parte, professores jovens e com pouco tempo de formação; são formados, predominantemente, em instituições privadas. Em relação à visão que expressam acerca de seu trabalho demonstram que se sentem desvalorizados e manifestam uma difícil relação com os demais professores das escolas em que atuam e com os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Professor Eventual, Organização Escolar, Precarização do Trabalho Docente, Rede Estadual de São Paulo.

OLIVEIRA, Lorena R. de. 2010. *Perfil e visão de trabalho expressa por professores eventuais de escolas de uma Diretoria de Ensino da Rede Estadual de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. São Paulo: PUC/SP.

ABSTRACT

The temporary teachers working in schools in state of Sao Paulo as a means of remedying the problem of shortages of professors, replacing any absences. There are about 17,000 teachers working as a eventual teacher, which can be considered on duty at school, without any guarantee and employment stability. The main objective of this research is to draw a profile of teachers in any Board of Education Caieiras, metropolitan region of São Paulo state and identify the vision they express about their work and their situation professional. It's knowing who they are, as perceive their work and their relationship with the organization school. For this, a search was conducted qualitative, whose instruments for collecting data, in 2009, were the questionnaires, semi-structured interviews with teachers and any document analysis. The research has as reference, mainly the work of Gimeno Sacristán (1999), Vorraber (1995) and Huberman (1995). Results presented in charts and tables suggest that interviewed teachers are mostly young teachers with little training time, are formed predominantly in private institutions. In relation to the vision that express about their work demonstrate that they feel devalued and exhibit a difficult relationship with other teachers in schools and working with students

KEYWORDS: Temporary teachers, School Organisation, Precarious Work Lecturer, State Network of Sao Paulo

Dedico este trabalho

ao meu pai, em agradecimento por ser um pai de verdade.

ao Ricardo, pela cumplicidade e por ser meu amigo, acima
de tudo.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Helena Machado de Paula Albuquerque, por sua competente orientação e pela compreensão com os problemas enfrentados pelo caminho. Minha imensa gratidão.

Ao Professor Doutor José Cerchi Fusari, pelas brilhantes sugestões durante o Exame de Qualificação, que possibilitaram o amadurecimento deste trabalho e por quem passei a nutrir uma grande admiração.

À Professora Doutora Luciana Maria Giovanni, por ter me apontados caminhos e me auxiliado desde minha entrada no curso de mestrado, seja durante suas aulas ou no Exame de Qualificação. Suas contribuições foram sempre muito importantes para mim.

À Betinha, por ser a linda pessoa que é, sempre tão eficiente, solícita e gentil. Como precisamos de mais pessoas assim... Muita obrigada pelos sorrisos nos momentos difíceis, sem eles tudo seria pior. E ao Professor Doutor José Geraldo Silveira Bueno, Coordenador do Programa.

Ao meu pai, por me ajudar sempre, durante toda a vida. E à minha mãe pelo apoio e carinho.

Ao Ricardo, por tudo... Pela compreensão, auxílio permanente e pela dedicação por mim. Minha gratidão a você será eterna.

Ao Tiago, meu irmão. Seremos sempre um pelo outro. À Re, minha “irmãzinha”. Ao Ro, Lete, Neide e Rivaldo.

À Cris. Impossível descrever. Obrigada por tudo, minha querida amiga.

À Daiana, por ser minha parceira na vida. Trilhamos tantos caminhos juntas, que já não podemos pensar em caminhar em separado. Você será sempre minha parceira.

À Gil, por todo o auxílio e compreensão. Você facilitou esse caminho, muito obrigada.

À Sandra e a Ale, que me apoiaram, me deram conforto e ombro amigo. E me substituíram sempre que precisei.

À Ade, a quem passei a admirar, respeitar e que se tornou uma grande amiga.

Ao Sérgio, que mesmo a distância será sempre meu parceiro e ao Felipe, por me incentivar sempre, mesmo sem saber.

A todos os amigos da Superintendência, em especial à Aurora, Marisa, Cíntia e Nô.

À Aline, Re, Melina, ao Ale (a quem sempre agradecerei e admirarei) e a todos os amigos do Programa.

À minha família e à família do Ricardo, que também é minha.

A todos os professores que colaboraram com a realização da pesquisa.

SUMÁRIO

	Pág.
Introdução	12
Capítulo 1- Referenciais teóricos e outros trabalhos.....	34
Capítulo 2- Os dados: quem são os professores eventuais pesquisados.....	42
Capítulo 3 - Dando voz aos professores eventuais.....	50
Considerações finais	68
Referências bibliográficas	71
Anexos	74
Anexo I – Roteiro para Questionário	75
Anexo II – Roteiro para Entrevista Semi-estruturada	76
Anexo III- Transcrição das Entrevistas	77
Anexo IV- Cópia do Livro-ponto	92

RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1: Gênero dos professores pesquisados.....	42
Tabela 2: Número de professores, segundo a residência e a cidade onde lecionam.....	43
Tabela 3: Distribuição dos professores, quanto à sua formação.....	43
Tabela 4: Instituições de formação dos professores	44
Tabela 5: Faixa etária dos professores	45
Tabela 6: Ano de conclusão do curso de licenciatura	45
Tabela 7: Tempo de experiência docente	46
Tabela 8: Formação Contínua	47
Tabela 9: Vínculo empregatício	47
Tabela 10: Renda Salarial dos professores	48
Tabela 11: Critérios de contratação	49
Tabela 12: Grau de satisfação com o trabalho	49

RELAÇÃO DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1: Contingente Ativo da Rede Estadual de Ensino.....	27
Quadro 2: Contingente Ativo da Rede Estadual de Ensino por Diretoria de Ensino...	28
Quadro 3: Média Salarial de Cidades Metropolitanas Brasileiras – 2009.....	48
Quadro 4: Perfil dos Professores Entrevistados	50
Quadro 5 : Descrição da atuação como professores eventuais pelos entrevistados	51
Quadro 6: Descrição dos professores entrevistados sobre o preparo das aulas.....	53
Quadro 7: Relato dos professores entrevistados sobre as substituições em aulas das diversas disciplinas	54
Quadro 8: Percepção dos professores sobre seu preparo para atuar como professores eventuais	56
Quadro 9: Percepção dos professores entrevistados sobre as principais dificuldades.	58
Quadro 10: Percepção dos professores entrevistados acerca de suas relações com os alunos	59
Quadro 11: Percepção dos professores entrevistados acerca de suas relações com os professores e a participação nas reuniões da escola	61
Quadro 12: Percepção dos professores entrevistados acerca Proposta Curricular do Estado.....	62
Quadro 13: Perspectiva dos professores eventuais sobre seu futuro profissional	64
Quadro 14: Percepção dos professores entrevistados sobre a questão salarial	65
Quadro 15: Como os professores definem o professor eventual	66

É preciso romper com a idéia de que a precariedade na qual se desenvolve a educação do educador em serviço é inalterável, impondo-se a necessidade de boas condições gerais de trabalho, especificamente, o que implica tornar a educação, de fato, prioridade nacional (...)

José Cerchi Fusari

INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa surgiu a partir da observação, como professora titular de cargo na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, do cotidiano dos professores eventuais – termo utilizado para designar os professores que substituem, eventualmente, as ausências dos docentes titulares de cargo na rede estadual de ensino do estado de São Paulo, mas cujo cargo não existe na rede estadual paulista – no contexto escolar, em relação à sua atuação na rede estadual que, na maioria das vezes, se dá em precárias condições de trabalho.

O Decreto nº 24.948/86¹, que disciplina as substituições dos professores titulares na rede estadual, não trata do professor eventual:

Para a regência de classe ou ministração de aulas nos impedimentos eventuais de titular de cargo ou de ocupante de função-atividade da série de classes de docentes, por um período de 1 (um) até 15 (quinze) dias, poderá haver admissão de docente, nos termos do artigo 1º, inciso I, da Lei nº. 500, de 13 de novembro de 1974, através da Portaria Especial de Admissão. (Decreto nº. 24.984/86 - Artigo 10)

Somente em 2005, quando publicada a Resolução SEE nº 90/2005², que dispõe sobre o processo anual de atribuição de classes e aulas ao pessoal do Quadro do Magistério, é que foi feita referência, de maneira pouco objetiva, à regulamentação para “eventuais admissões” de professores, sem que caracterizem vínculo empregatício:

Encerrada a atribuição da Etapa Complementar do processo inicial, a Comissão de Atribuição de classes e aulas divulgará e coordenará a atribuição de vagas para admissões em caráter eventual, aos inscritos no referido processo, que tenham interesse e condições de suprir as unidades escolares com carência de professores para iniciar o ano letivo, atribuição esta, cuja admissão não caracterizará vínculo empregatício e se fará pelos Diretores de Escola, observando o campo de atuação relativo à vaga, à habilitação/qualificação dos inscritos, bem como a ordem de classificação em nível de Diretoria de Ensino (Resolução SEE 90/2205 - Artigo10 § 18)

¹ Sob o Governo Franco Montoro - PMDB (1983-1987); Secretário da Educação Paulo Renato Souza; Presidente do CEE Maria Aparecida Tamaso Garcia

² Governo Geraldo Alckmim - PSDB (2001-2006) – Secretário da Educação Gabriel Chalita; Presidente do CEE Marco Antonio Monteiro

Na prática, os professores eventuais são “admitidos” sem critérios objetivos, sem garantias trabalhistas e leis que regulem sua admissão e atividade profissional, estando sujeitos, portanto, à informalidade e à desvalorização do seu trabalho. Essa prática tornou-se presente em todas as escolas estaduais, e a contratação destes professores, ou dispensa, fica, muitas vezes, a cargo da relação pessoal que mantêm com os diretores de escola, visto que são eles os responsáveis pela escolha dos que poderão substituir as ausências, sem critérios pré-definidos.

A contratação do professor eventual está diretamente relacionada ao absenteísmo docente, que é um dos principais aspectos apontados pela SEE em resposta às duras críticas que a rede estadual paulista tem sofrido nos últimos anos. Gesqui (2006), em seu estudo sobre o absenteísmo docente e discente em uma escola estadual da Grande São Paulo, afirma considerar o número de encontros entre os alunos e os professores titulares muito reduzido, comparado ao número previsto de aulas e conclui que

ao analisarmos as possibilidades legais de afastamento do professor da sala de aula, deparamo-nos com uma ampla variedade de opções, amparadas por emendas, leis, decretos, portarias, resoluções e pareceres federais ou estaduais. Contudo, a maioria dos afastamentos ocorridos durante a pesquisa enquadra-se basicamente em alguns conjuntos legais, sejam eles Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9394 de 1996), Estatuto do Magistério (lei complementar 444 de 1985), a lei 500 de 1974 que rege os professores não titulares de cargo e o Estatuto dos Funcionários Públicos Cíveis do Estado (Lei 10261 de 1968) que rege os professores titulares de cargo. (GESQUI, 2006, p. 89).

Esse tema é recorrente nas discussões da sociedade, principalmente nos veículos de informação e comunidade acadêmica quando se trata da precarização do ensino na rede pública. Por diversas vezes, foi tema de comentários em notícias relacionadas à educação, como na reportagem da *Folha de São Paulo* de 18 de dezembro de 2007, acerca do projeto de lei do governo estadual para limitar o número de faltas dos professores da rede estadual.

Todos os dias, quase 30 mil dos 230 mil professores da rede estadual de ensino paulista faltam às aulas, e, amparados pela lei, a maioria não perde nenhum centavo dos seus vencimentos. O número significa uma ausência diária de 12,8%. Dos 30 mil, menos de 2.400 têm faltas que acarretam perda de salário, segundo dados oficiais de 2006. Em dos mecanismos, o professor pode, no limite, faltar 100 dos 200 dias letivos, desde que apresente atestados médicos e que as ausências não sejam em dias seguidos. A Secretária da Educação do governo José Serra (PSDB) classifica o índice como “preocupante”. Diz que um pacote voltado aos docentes incentivará a diminuição das faltas. Já os professores dizem que as faltas são reflexo de más condições de trabalho. “Com jornadas extenuantes, classes superlotadas, o professor adoce, precisa ir ao médico ou se afastar”, disse o presidente da

APEOESP (sindicato dos professores), Carlos Ramiro de Castro. A rede possui 17.358 docentes eventuais, chamados para substituir faltas. A secretaria diz que eles “são preparados”, mas “é de se esperar” que tenham dificuldades com turmas novas. Por isso, estão sendo criadas referências de aula. (*Folha de S. Paulo*, 11/11/2007)

Muitas das ausências decorrem das precárias condições de trabalho docente, da jornada de trabalho elevada, classes superlotadas e violência nas escolas, como afirma o Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP), na mesma reportagem:

... com salários baixos, longas jornadas, salas superlotadas e violência na escola, os professores tendem a adoecer e, por isso, precisam faltar. Para sustentar a argumentação, Castro cita um estudo feito pela APEOESP, em conjunto com o Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), que apontou que 61% dos professores dizem sofrer de nervosismo, 57% têm falhas na voz e 44% apresentam angústia. A pesquisa, publicada neste ano, entrevistou 1.780 docentes em novembro de 2003. Castro lembra que o corpo docente da rede é formado, majoritariamente, por mulheres (80%). Elas têm de fazer exames médicos específicos. E quando o filho adoecer, geralmente é ela quem vai cuidar (...) O sindicalista diz ser contrário a mudanças na legislação. Docentes também reclamam. “O professor não é valorizado, entra em depressão, tem problemas de voz. Eu estou desmotivado”, diz um docente de uma unidade de Capão Redondo (zona sul de SP). Se não há consenso para as razões do absentismo, os efeitos são conhecidos. Vinícius Rodrigues Dantas, 17, por exemplo, se diz uma das vítimas. Aluno do terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual na Cidade Ademar (zona sul), ele conta que “quase todo dia falta professor”. Geralmente os substitutos não fazem nada, deixam a gente conversando”, disse ele, que decidiu não prestar vestibular neste final de ano. “Sei que não vou passar”. (*Folha de São Paulo*, 11/11/2007).

Nesse contexto, estão inseridos os professores eventuais que – conforme informação da Secretária de Educação de São Paulo, nessa reportagem, são cerca de 17.000 professores – atuam na escola para resolver o problema das faltas dos professores titulares, substituindo-os. Devido à ausência de políticas que atendam à ação destes profissionais e de estudos que nos permitam conhecer a atuação e o perfil desses professores, torna-se difícil avaliar o trabalho realizado por eles; porém, partindo de impressões geradas através da experiência profissional, pode-se avaliar que, muitas vezes, esses profissionais não se sentem preparados para exercer o papel que desempenham.

A partir de observação assistemática, pode-se perceber que o professor eventual é um profissional cada vez mais presente no cotidiano das escolas estaduais, seja substituindo professores ausentes, seja cumprindo tarefas de organização escolar nos momentos ociosos, pois, muitas vezes, permanecem nas escolas à espera de eventual ausência de professores.

Dessa forma, envolvem-se nas mais diferentes atividades e atuam em sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento, mesmo que estas não sejam as de sua formação específica. É muito rotineiro que professores de matemática substituam e ministrem aulas de língua portuguesa, por exemplo.

Percebe-se, ainda, uma relação conflituosa entre alunos e professores eventuais – muitas vezes, os alunos recusam-se a assistir às aulas desses professores, alegando que as aulas dadas “não são aulas de verdade” ou que “o professor não passa nada de importante”. Professores titulares e eventuais explicam esse comportamento, baseando-se no fato de que os conteúdos trabalhados pelos professores eventuais, frequentemente, divergem dos trabalhados pelos professores titulares, já que algumas das ausências não são programadas, e os professores eventuais não dispõem de horas de trabalho pedagógico coletivo (HTPC's) para que possam ter contato com o currículo desenvolvido nas escolas.

Professores e gestores de escola – coordenadores pedagógicos, diretores, supervisores – afirmam que o trabalho do professor eventual é visto como relevante, pois soluciona um problema imediato – a falta do professor na sala de aula – e evita que os alunos fiquem ociosos, ou seja, dispensados das aulas. O professor eventual, portanto, cumpre um papel de fundamental importância na tarefa de **(re)organização escolar**.

Conversando com alguns professores eventuais, percebe-se que eles desconhecem o processo de seleção e avaliação ao qual são submetidos e até mesmo o tipo de vínculo formal que mantêm com a escola. Muitos declaram “estar eventuando”, em uma situação passageira até que consigam se efetivar como titular de cargo. Como são remunerados pelas aulas que efetivamente substituem, as escolas mais distantes, de difícil acesso, ou localizadas em áreas violentas, são as que mais interessam a esses professores, pois, nessas unidades, o número de aulas que darão será maior, já que consideram que ocorrerá maior número de ausências dos professores titulares.

Os professores eventuais formam uma nova classe de professores que geralmente não se sentem como parte integrante do corpo docente da escola, pois, ao ser desvalorizados pelo poder público, desvalorizam o próprio trabalho.

A forma com que os professores eventuais trabalham, na rede estadual paulista, demonstra o desprestígio com que esses profissionais são tratados pelo Estado, pois vivem em uma situação de vulnerabilidade, trabalhando como “plantonistas de escola”. Dessa maneira, não conseguem transmitir credibilidade, nem desempenhar um trabalho eficaz. Quando fixos em apenas uma escola, esses docentes passam a conhecer, de maneira ampla, toda a organização da unidade.

Apesar de passarem a ter um maior conhecimento dos alunos, dos professores efetivos e da rotina escolar, por atuarem em todas as salas, nos diferentes períodos, eles são “segregados” na escola, já que não estão presentes nos momentos coletivos.

No período de produção dessa investigação, ocorreram duas greves dos professores da rede estadual: uma no primeiro semestre de 2008, e outra, em 2010. Durante esse período, os professores eventuais foram chamados para cobrir as ausências dos professores em greve.

A Secretaria da Educação de São Paulo liberou todas as escolas estaduais para chamada de professores eventuais, que cobrem faltas diárias de concursados e temporários. A medida pretende garantir que os cerca de 5 milhões de estudantes da rede não fiquem sem aula nas cerca de 5.500 escolas. Para o sindicato, a medida fere o direito de greve da categoria (Portal *Uol* – 27 de junho de 2008).

Tal situação intensifica a relação conflituosa entre os professores, pois, quando o professor eventual substitui o professor em greve, a reposição dessa aula não deverá ser feita pelo professor titular.

Sou professor titular e estou em greve desde o dia 16. Tenho ido até a escola onde trabalho para colar em um mural da greve, notícias de nosso movimento. É verdade que os eventuais estão "trabalhando". Todos os dias os vejo na sala dos professores. Alguns OFAs - que são exatamente os maiores prejudicados pelo decreto 53037/08 - também estão trabalhando. Hoje havia um professor eventual novo entre eles. É difícil lutar por quem não participa e ainda sabota a greve, infelizmente. (Depoimento de professor titular).

Os professores eventuais ficam em uma difícil situação, porque, por um lado, precisam não só dar aulas para garantir que tenham algum salário, como também atender ao chamado do diretor da escola – levando-se em conta o fato de não serem chamados novamente –, pois,

como vimos, essa “contratação” fica, muitas vezes, a cargo das relações que mantêm com os diretores. Por outro lado, sofrem com as precárias condições de trabalho e muitos concordam com as reivindicações do movimento.

Outro processo ocorrido durante a pesquisa foi a implementação da nova Proposta Curricular do estado de São Paulo, que sugere mudanças no currículo e no trabalho do professor. Como cada docente recebe o material a ser desenvolvido nas aulas, esperou-se que essa mudança alteraria o trabalho do professor eventual, já que teria um material pronto a seguir. No entanto, observou-se que não existiu nenhum movimento por parte da SEE, ou mesmo das escolas, para que os professores eventuais tomassem conhecimento ou fossem preparados para utilizar o material, principalmente porque não participam das atividades pedagógicas coletivas da escola.

Com base na problematização descrita, foi realizado um levantamento bibliográfico prévio sobre o assunto no Banco de Dissertações e Teses da PUC/SP, da Faculdade de Educação da USP e Banco de Teses e Dissertações da Capes. Constatou-se que o tema específico não é recorrente, pois foram localizados apenas cinco trabalhos – que tiveram os professores eventuais como objeto de pesquisa – no Banco de Teses e Dissertações da Capes.

Em *A Atuação do professor eventual, uma contribuição para o meio ambiente*, Moura (2004) – ao propor uma metodologia educacional dirigida aos professores eventuais das Escolas Públicas Estaduais de Piracicaba e Região, aplicada a um curso de formação de professores – faz uma reflexão acerca da “problemática do mundo moderno do ponto de vista da modernidade sobre a natureza” (p. 9). Procura buscar alternativas para os problemas ambientais e aponta os professores eventuais como agentes das intervenções educacionais voltadas aos Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. A autora chama a esse processo “metodologia sócio-ambiental” (p. 9), sugerindo a compreensão de conceitos da ecologia expandida, por meio de cursos, dinâmicas, palestras participativas e leitura de textos que dariam suporte ao trabalho metodológico da educação ambiental. Propõe a construção de um curso, baseado em uma “perspectiva educacional ambiental emancipatória” e incentiva o professor eventual participante a “se envolver consigo mesmo” (p. 9), com os outros e com a natureza por meio de uma reflexão trazida pelas propostas de reorganização da visão de mundo, usando como conteúdo as “cinco dimensões da ecologia”.

Esse trabalho, entretanto, não tem o professor eventual/substituto como objeto principal de pesquisa.

Outro trabalho acerca da temática – *Professores eventuais nas escolas estaduais paulistas: ajudantes de serviço da educação?* (ARANHA, 2007) – traz uma profunda reflexão sobre o trabalho dos professores eventuais na rede estadual paulista. Aranha (2007) afirma que “a reorganização do capital e do trabalho, decorrente do neoliberalismo globalizado, traz implicações diretas para a educação escolar e os professores”. (ARANHA, 2007). Nesse contexto, o autor apresenta um estudo de natureza exploratória sobre os professores eventuais nas escolas estaduais paulistas, buscando “descrever e analisar seu cotidiano”. Para isso, utilizou a legislação existente, que regulamenta a atuação desses profissionais, e os depoimentos de professores e gestores de quatro escolas da rede estadual paulista. O seu referencial teórico baseia-se na (des)profissionalização e precarização do trabalho docente. Para ele, os professores eventuais – professores admitidos eventualmente para atuarem por não mais que 15 dias, sem exigência de formação específica, sem garantia de direitos trabalhistas, que tem por tarefa substituir professor responsável por qualquer disciplina em diferentes séries e turmas – “realizam uma atividade legal que se revela ilegítima, posto que têm sua prática pedagógica inviabilizada pela ausência de organização, domínio de conhecimentos, planejamento e envolvimento com o coletivo da escola”. (idem). Atuando como *plantonista* ou *'delivery'*, continua o autor, sem apoio pedagógico da equipe escolar, eles acabam por realizar apenas tarefas de um ajudante geral polivalente e multifuncional. As atividades realizadas pelo eventual nas escolas públicas podem ser interpretadas para além da precarização, pois materializam a descaracterização do trabalho docente. As conclusões apontam para a imperiosa necessidade de que as políticas públicas extirpem e/ou revejam essa condição desprofissionalizada, que pode estar afastando os jovens professores da profissão do magistério.

Em *Trabalho informal docente na rede pública de ensino do Estado de São Paulo*, Fontana (2008) discute sobre o grande número de professores não efetivos da rede pública de ensino da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, especificamente os admitidos em caráter temporário (ACT) e aqueles candidatos à admissão, os **professores eventuais**. A autora afirma que o número de professores contratados sem vínculo empregatício na rede

pública de ensino do Estado de São Paulo é alarmante. Para ela, “a vida funcional e as condições de trabalho oferecidas a esses docentes é um assunto que nos instiga e nos motiva a questionar sobre a desqualificação do professor sob o viés das condições de trabalho, problema este por nós investigado”. (FONTANA, 2008). Depois de fazer uma importante análise sobre o trabalho de docentes não-efetivos no magistério público paulista a partir de 1930, procura discutir as origens e os aspectos que caracterizam esse tipo de trabalho no caso do Estado de São Paulo, partindo do pressuposto de que a contratação temporária tornou-se uma constante no quadro do magistério público oficial, fator esse que contraria a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. As precárias condições para a efetivação do trabalho docente implicam a desqualificação da função pedagógica desempenhada por aqueles professores. Utilizando a análise documental – levantamento e exame da legislação pertinente à contratação na administração pública – e revisão bibliográfica sobre a política educacional em geral e, em especial sobre a temática, Fontana (idem) faz um mapeamento sobre os caminhos da admissão de professores para ministrar aulas no ensino primário e no ensino secundário no Estado de São Paulo, entre 1930 e 1960. À medida que ocorria a expansão do ensino, afirma a autora, mais professores estavam sendo contratados. Baseando-se em análises de Max Weber (1963) sobre a instituição escola, a autora analisa, ainda, a unidade escolar enquanto uma instituição vinculada à SEE-SP, considerada com características típicas de uma organização do tipo burocrático. Apresenta a constituição do Quadro do Magistério (QM) e o contingente ativo da Rede Estadual de Ensino, para não só descrever o processo de ingresso desses professores na rede pública de ensino como também apresentar um quadro comparativo salarial entre um professor eventual e um pertencente à outra categoria (efetivo, estável, celetista ou ACT).

Professores efetivos, professores substitutos: caminhos de persistência e rendição norteados pelo tipo de contratação (ALVES, 1998) é uma dissertação de mestrado do Programa de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, que reflete sobre a relação existente entre o tipo de contratação de professores e o trabalho pedagógico –considerada uma questão pouco abordada nas pesquisas sobre a profissão docente – e cujo objetivo é estudar a profissionalização e a proletarização do trabalho docente, bem como, discutir sobre os saberes da epistemologia da prática, ou seja, os saberes dos professores e a construção da autonomia

profissional. Alves (idem) afirma que a pesquisa surgiu a partir da constatação da existência de um percentual elevado de substitutos (quase 50%) atuando nas escolas da rede municipal de Florianópolis. Através do discurso de alguns desses professores e também de efetivos, ela discute questões, como a fragmentação do trabalho pedagógico gerada pela rotatividade, o desrespeito dos órgãos oficiais de ensino aos profissionais, seu (des)compromisso com a qualidade do ensino, a acomodação e desistência dos professores que também contribuem para a não superação do fracasso escolar, e a “política de barateamento e sucateamento progressivos do sistema de ensino público” (ALVES, 1998). A partir de alguns questionamentos – qual a relação entre trabalho e a informalização? Como aconteceu, no decorrer da história, a profissionalização e proletarização do trabalho docente? Como os educadores constroem seus saberes e sua autonomia? Os saberes docentes a epistemologia da prática viabilizam a autonomia ou a submissão? –, a autora conclui que o trabalhador temporário em educação não é fruto de condições herdadas do passado, mas aparece como síntese de um processo que impôs o assalariamento, em uma sociedade que não consegue garantir emprego para todos. Para que a autonomia dos educadores seja real e não submissa, é necessário aos educadores terem uma formação inicial de boa qualidade, que lhes dê sustentação nas experiências formativas ao longo da vida profissional, pois a formação se dá na relação entre o educador e a sua realidade, mediada por uma consistente fundamentação teórica.

Sob o título *Professora substituta, auxiliar de professor ou professora auxiliar... Afinal quem somos nós* (MAGRO, 2008), a autora discute, em sua dissertação de mestrado pelo Programa de Educação da UNICAMP, sobre o trabalho das professoras auxiliares ou substitutas. Depois de caracterizar, no âmbito da profissão docente, a atividade dessas professoras, por meio de entrevistas e/ou respostas fornecidas em um questionário escrito, a autora analisa como essas professoras vivenciam a experiência docente e como a coordenação pedagógica entende essa função no contexto da instituição escolar. Assumindo uma perspectiva histórico-cultural, Alves (1998) descreve as falas e a escrita das professoras pesquisadas, destacando elementos que emergiram nos relatos pessoais e que se tornaram significativos à luz dos estudos psicológicos para compreender o trabalho e a (des)profissionalização dessas docentes. A autora, que trabalha como professora auxiliar, ao

tentar responder à questão do título “*Afinal quem somos nós?*”, afirma que essa resposta vai além da definição de uma atividade docente ou de regras que a definam. É preciso não só evidenciar uma das inúmeras possibilidades de como essa atividade docente se mostra, com todos os seus nós, tensões e realizações, como também levar em conta que não há uma homogeneidade, mas possibilidades de aprendizado e de reflexão para as professoras iniciantes, de reconhecimento das regras das instituições para as professoras mais experientes, de circulação por diferentes níveis de conhecimento, de ter possibilidade de emprego (mesmo que se submetam a baixos salários), de aumentar a pontuação em concursos públicos.

Foram feitas novas buscas a procura de outros trabalhos com temáticas relacionadas ao trabalho do professor eventual e outros trabalhos foram localizados e selecionados os trabalhos de Gesqui (2006), já citado, Santos (2006), Silva (2007) e Spinesi (2009). Todos eles referem-se ao absentismo de professores e mecanismos organizacionais para suprir essas ausências.

Santos (2006) teve como foco de pesquisa a ausência dos professores e a maneira como as escolas se organizam frente a essas ausências na rede municipal de São Paulo. Se, por um lado, é concedido aos professores que faltem, por outro, como a administração escolar se (re)organiza para atender os alunos? A partir desse questionamento, constatou que a grande maioria das ausências nas escolas pesquisadas foi motivada por problemas de saúde dos professores e por faltas abonadas. Sua pesquisa estabeleceu uma relação entre as faltas e a organização da escola – instituição pautada na formalização de atitudes de enfrentamento de situações que, ao longo do tempo, encontra estratégias para cumprir o que deve, ou seja, evitar, ao máximo, que os alunos fiquem sem atendimento. A forma mais utilizada, segundo a autora, é o uso dos professores adjuntos como eventuais, já que, na rede municipal de São Paulo, existe um cargo específico para essa função.

Gesqui (2006), por sua vez, analisou dados de uma escola estadual, referentes ao absentismo docente e discente, avaliando o grau de incidência das ausências formais e não-formais durante um ano:

(...) os professores titulares das disciplinas ministram apenas 64,4% das aulas; que além das faltas legalmente permitidas e supridas com professores eventuais (15,4%) há muitas aulas (6,0%) ficam vagas (alunos sem aula, mas na escola) e muitas aulas em que os alunos são dispensados por situações diversas criadas pela própria escola (14,2%). (GESQUI, 2006, p. 11).

Acerca da atuação dos professores eventuais, o autor observa que

a atuação dos professores eventuais, mesmo sendo em grande quantidade, não sugere qualidade, considerando, principalmente, a formação acadêmica e tempo de experiência no magistério de cada um. Considerando ainda que, na maioria das vezes, foi o inspetor de alunos quem definiu qual eventual atuaria em qual turma, fica clara a falta de critérios pedagógicos para tais encaminhamentos. (Idem, p.137).

Gesqui (2006, p. 134) afirma que não é a equipe pedagógica quem indica quem são os professores que substituirão as ausências, na maioria dos casos, mas o inspetor de alunos e indaga: “O trabalho do professor eventual é essencial no âmbito pedagógico ou simplesmente, nestas condições, permite o registro de mais uma aula dada e, conseqüentemente, o cumprimento dos 200 dias letivos?”

Silva (2007), em seu estudo sobre a rotatividade docente em uma escola estadual de São Paulo, constatou que muitos professores, tanto efetivos quanto contratados, não permanecem em uma única escola e que, segundo os professores entrevistados, isso é consequência da precariedade nas condições de trabalho e da decadência instaurada nas escolas públicas. Muitos projetos pedagógicos não são concluídos devido a não permanência dos professores na escola. Portanto, mesmo entre os professores efetivos, a rotatividade é elevada e gera prejuízos ao trabalho pedagógico. Entre os professores eventuais, o que se pode perceber é que a maioria não permanece nas escolas, pois a função que exercem é considerada “passageira”, já que não possuem vínculos com o Estado.

Spineli (2009) analisou a prática do absenteísmo laboral dos professores da rede estadual de ensino de São Paulo e sua relação com o pagamento da gratificação denominada *bônus mérito*. Segundo o autor, essa gratificação, instituída no ano de 2000, tem, entre seus diversos critérios para a determinação dos valores financeiros a serem pagos, o número de faltas dos professores. Spineli pretendeu, ao analisar o número de faltas dos professores mediante tabulação dos dados de livros-ponto dos docentes entre os anos de 1995-1999, e entre os anos de 2001-2007, em uma escola da cidade de São José dos Campos, verificar se essa gratificação interferiu nas faltas. A investigação incluiu a análise do comportamento dos professores, considerando a respectiva situação funcional, a categoria empregatícia e o gênero.

Também foi realizada análise da manifestação sobre faltas pelos professores através das respostas a um questionário. O autor constatou que o bônus não contribuiu para a redução das faltas apresentadas pelos docentes, que somaram 2.812 ausências no período anterior ao bônus, e 3.316 faltas no período posterior.

A UNESCO (2005) realizou uma pesquisa com cinco mil professores a fim de traçar o perfil dos professores brasileiros. Desses professores, 41,2% declaram que a falta de definição e de objetivos claros sobre o que deve ser feito é um fator que contribui para os problemas em seu trabalho. Ainda de acordo com os dados apontados por esse estudo, 53% dos professores brasileiros entram para trabalhar no magistério antes de receber o título. Podemos inferir, então, que esses docentes começam sua vida profissional sem dominar conhecimentos específicos da área em que vão lecionar. Esta é a realidade encontrada na maior parte dos professores eventuais: começam a ensinar sem ainda ser formados. Essa situação assume uma posição fundamental na construção desse profissional, pois é, nos cursos de formação docente, que vão sendo construídas as suas práticas, as estruturas teóricas que subsidiarão sua carreira no magistério.

O trabalho do professor eventual na rede estadual de São Paulo está diretamente relacionado ao processo de precarização do trabalho do professor. Esses professores iniciam sua carreira profissional dentro de um contexto de (des)compromisso e desmotivação. Com o intuito de compreender como se constituiu esse cenário, procuramos discutir o trabalho do professor da rede estadual de educação paulista, adotando como marco o processo que ficou conhecido como Reforma do ensino público do Estado de São Paulo, deflagrada a partir de 1995.

No Brasil, o governo federal definiu, a partir da década de 90, a direção da reforma educacional embasado no discurso da produtividade, da eficiência técnica, da agilidade administrativa, autonomia financeira, da flexibilidade, próprios da iniciativa privada. Tem-se como prioridade a Educação Básica. Assim como na maioria dos países da América Latina, “a reforma educacional processa-se abordando três dimensões da educação: a estrutura, o currículo e a gestão” (OLIVEIRA, 2003, p.13).

Como decorrência desse processo de reforma educacional, a situação profissional do professor passou por modificações devido às novas exigências, tanto nas determinações legais, quanto nas condições de trabalho, que implicaram, entre outros aspectos, a ampliação das jornadas de trabalho sem a correspondência salarial. Essas novas exigências criaram novas condutas e preocupações com as quais o docente passou a se ocupar. As mudanças implementadas na organização escolar e na organização do trabalho docente criaram novas maneiras de regulação do trabalho do professor, por meio de uma cultura avaliadora, controlando o trabalho do professor de maneira individualizada, associando-o aos resultados alcançados na sala de aula.

Na rede estadual paulista, em 1994, no Governo Mário Covas³ foi nomeada, como Secretária de Educação, Tereza Roserley Neubauer da Silva, que lançou o documento-base para a reforma da educação do Estado, chamado “Reforma da Educação da Rede Pública Estadual”. Os principais eixos dessa reforma foram:

1. Medidas mais diretamente relacionadas à racionalização dos recursos públicos:

- Cadastramento geral de alunos de 1º e 2º graus;
- Programa de reorganização das escolas da rede pública estadual;
- Classes de aceleração; recuperação em férias; programa de progressão continuada e outros mecanismos para correção do fluxo;
- Exigência de idade mínima para matrícula em cada série do ensino de 1º grau;
- Reorganização curricular;
- Novo Plano de Cargos e Carreira do Magistério.

2. Medidas relacionadas à mudança do padrão de gestão:

- Extinção das divisões regionais de ensino (DREs);
- Agilização nos mecanismos de repasses de verbas às Delegacias de Ensino e escolas;
- Sistema de avaliação do rendimento escolar de São Paulo;

³ O governo Mário Covas (1994-1998) iniciou o ciclo de governos do PSDB no estado de São Paulo.

- Instrução para planejamento de projetos educacionais nas escolas, segundo as “Normas Regimentais Básicas das Escolas Estaduais”, tendo em vista a autonomia das escolas. (OLIVEIRA, 1999, p. 26).

Esse processo iniciou-se sem interlocução com o quadro de professores. Uma das primeiras ações foi reorganizar a rede de ensino, que demonstrou a falta de espaços para o diálogo com a rede. A mudança na organização das escolas, com a separação dos níveis de ensino foi um exemplo emblemático, com a divisão dos professores e alunos entre escolas de 1ª à 4ª séries, e 5ª à 8ª séries. Logo em seguida, muitas escolas foram municipalizadas, obrigando a redistribuição de professores. O corpo docente não teve participação nesse processo; os professores não se sentiram representados nessas intervenções que alteraram a dinâmica internas das escolas, pois as ações foram cada vez mais verticais.

Após o início do processo de municipalização, ainda foi implantada a progressão continuada, sistema de ciclos, classes de aceleração. Essas mudanças continuaram a ocorrer sem o aprofundamento das discussões e sem processos de continuidade. Ao analisar esse contexto, Maria Isabel de Almeida, atual presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), afirma: "Não está havendo sequer interlocução dos reformadores com os envolvidos na educação, muito menos a participação destes, embora o discurso oficial traga um forte apelo à autonomia da escola e à participação dos professores" (1999, p. 258).

Tais mudanças, segundo a SEE, visavam à “revolução na produtividade dos recursos públicos, que em média instância, deveria culminar na melhoria da qualidade do ensino” (DOE Sec. I, São Paulo. 105 de 23 de março de 1995, p.8).

Diversas foram as manifestações de pais, alunos e professores, assim como de entidades que os representam. A APEOESP realizou diversos atos de manifestação contra a reforma proposta. Alegava, por exemplo, que a reorganização das escolas causaria muitas demissões, pois, como apontavam os professores, previa o fechamento de escolas, salas de aula e diminuição da carga horária de várias disciplinas. (*Jornal da APEOESP* n° 235, 1995).

Nery (2000), em sua dissertação de mestrado acerca dos efeitos da reorganização do ensino fundamental no trabalho docente, afirma que esse processo trouxe novos elementos na

composição da rede estadual, que levam ao questionamento sobre a melhoria da qualidade do ensino anunciada à época pela SEE, tais como:

- Aumento do número de alunos por turma, que dificultou o trabalho dos professores;
 - Diminuição do número de aulas de algumas disciplinas e também diminuição das aulas semanais, que passaram de 30 para 27 ou 25;
 - Demissão de um grande número de professores e ausência de melhoria salarial.
- (NERY, 2000 p. 72).


O autor reafirma o caráter autoritário desse processo:

A partir das afirmações de pais, professores, podemos confirmar que a reforma do ensino público estadual foi realizada de uma forma extremamente autoritária. Como já haviam indicado o sindicato e especialistas, nenhum dos seguimentos que compõem a comunidade escolar (pais, professores, alunos) foi sequer consultado sobre os reais problemas que perpassam a educação estadual paulista. Este sem dúvida é um dos fatores que tem contribuído para dificultar ainda mais o trabalho dos profissionais desta área e com isso prejudicando o resgate da escola pública de qualidade (NERY, 2000, p. 74)..

A rede estadual de São Paulo conta hoje com 210.582 docentes, conforme Quadro 1, incluindo professores efetivos e não efetivos e atende mais de 5,5 milhões de alunos nas cerca de 5 mil escolas. Diante dessa imensa demanda escolar, o professor eventual surge como mais uma das estratégias de organização escolar.

Na Diretoria de Ensino de Caieiras, o número de professores é de 3.212, sendo 1.480 docentes efetivos e 1.732 contratados, de acordo com a Lei Complementar 500/74.

Quadro 1: Contingente Ativo da Rede Estadual de Ensino

 GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS		CARGOS S.E. - CONTINGENTE ATIVO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO				
1) CARGOS S.E. - CONTINGENTE ATIVO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO						
POR: QUADRO X CARGO X CATEGORIA - (NO CARGO DE EXERCÍCIO)						
FONTE: CADASTRO FUNCIONAL DA EDUCAÇÃO - (INCLUI AFASTADOS)						
VIGÊNCIA: FEVEREIRO/2010						
QUADRO MAGISTÉRIO (Q.M.)						
CARGO	EFETIVOS	NÃO EFETIVOS	EM COMISSÃO	DESIGNADOS	TOTAL	
08193-DIRIGENTE REGIONAL DE ENSINO	0	0	29	56	85	
08200-DIRETOR DE ESCOLA	4.209	0	0	949	5.158	
08407-PROFESSOR EDUCACAO BASICA I	28.280	24.700	0	0	52.980	
08408-PROFESSOR II	0	95	0	0	95	
08409-PROFESSOR EDUCACAO BASICA II	91.981	65.526	0	0	157.507	
08444-SUPERVISOR DE ENSINO	1.279	0	0	283	1.542	
08849-COORDENADOR PEDAGOGICO	2	0	0	0	2	
08850-ASSIST.DIRETOR ESCOLA	22	0	0	0	22	
07273-ESTAGIARIO	0	1	0	0	1	
07685-ESTAGIARIO	0	1	0	0	1	
TOTAL Q.M.	125.773	90.323	29	1.268	217.393	

Fonte: SEE/SP

Quadro 2: Contingente Ativo da Rede Estadual de Ensino por Diretoria de Ensino

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS		CLASSES DOCENTES - CONTINGENTE ATIVO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO								
3) CLASSES DOCENTES - CONTINGENTE ATIVO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO										
POR: COORDENADORIA X DIRETORIA										
FONTE: CADASTRO FUNCIONAL DA EDUCAÇÃO - (INCLUI AFASTADOS PELA '062', OCUPANTES DE POSTOS DE TRABALHO E OUTROS)										
VIGÊNCIA: FEVEREIRO/2009										
3.1 - CONTINGENTE DISTRIBUÍDO POR CARGO (NO CARGO ATUAL)										
COGSP / GRANDE SÃO PAULO										
DIRETORIA DE ENSINO	P.E.B. I EFET.	P.E.B. I NÃO EFET.	PROF. I EFET.	PROF. II NÃO EFET.	P.E.B. II EFET.	P.E.B. II NÃO EFET.	TOTAL EFETIVOS	TOTAL NÃO EFETIVOS	TOTAL	
D.E.REG. CAIEIRAS	385	421	0	2	1.095	1.309	1.480	1.732	3.212	
D.E.REG. CARAPICUIBA	678	533	0	0	1.430	1.339	2.108	1.872	3.980	
D.E.REG. DIADEMA	480	434	0	0	1.109	844	1.589	1.278	2.867	
D.E.REG. GUARULHOS NORTE	541	534	0	3	1.667	1.580	2.228	2.117	4.345	
D.E.REG. GUARULHOS SUL	491	595	0	2	1.481	1.588	1.972	2.185	4.157	
D.E.REG. ITAPEÇERICA GERRA	249	235	0	0	612	930	861	1.165	2.026	
D.E.REG. ITAPEVI	159	181	0	1	862	1.228	1.021	1.410	2.431	
D.E.REG. ITAQUAQUECETUBA	221	335	0	1	1.044	1.292	1.265	1.628	2.893	
D.E.REG. MAUA	873	720	0	2	1.663	1.231	2.536	1.953	4.489	
D.E.REG. MOSI CRUZES	405	358	0	1	1.220	946	1.625	1.305	2.930	
D.E.REG. OBASCO	97	210	0	1	1.588	1.069	1.685	1.280	2.965	
D.E.REG. SANTO ANDRÉ	677	351	0	3	1.759	1.053	2.436	1.407	3.843	

Fonte: SEE/SP

Nesse cenário o professor eventual cumpre o papel de peça chave para o bom funcionamento dessa estrutura que durante as últimas décadas se tornou de grandes dimensões.

Azanha (2004), analisa como se deu o processo de democratização no ensino paulista – que entendo ter influenciado na necessidade de maior demanda e admissão de professores e, conseqüentemente, na consolidação da figura do professor eventual –, considerando a democratização do ensino como prática da liberdade e como expansão de oportunidade a todos. Analisando a situação da rede pública paulista, o autor aponta que

A grande diferença entre a situação atual e essa situação passada é que, então, a escola era aceita como privilégio e desempenhava uma conveniente função de discriminação social: expulsava os pobres e conservava os privilegiados. Por isso, a escola de antigamente, que

também nem era tão boa quanto se imagina e se alardeia, era aceita porque servia aos privilegiados que, em casa, tinham um ambiente cultural que supria as deficiências do ensino escolar. Mas, hoje, essa paisagem foi profundamente alterada pelas grandes transformações socioeconômicas ocorridas em São Paulo nas últimas décadas. Grandes contingentes populacionais chegaram ao Estado. A escola pública estendeu-se para abranger uma população que nunca antes procurara a escola mas que, agora, necessitava dela para assimilar os elementos culturais mínimos para poder integrar-se ao mercado de trabalho (AZANHA, 1990, p. 25).

O autor chama a atenção para a expansão do ensino público no país: “(...) anteriormente, o crescimento da rede era apenas vegetativo e jamais alcançou de maneira expressiva a imensa parcela da população de mais baixa renda.” (AZANHA, 1990 p.26). O autor apresenta, de acordo com a realidade de São Paulo, a escola pública, quando nela entraram pessoas que, normalmente, não tinham acesso à educação escolar.

Nesse quadro é que a crise atual da educação paulista assume proporções alarmantes porque, para a imensa maioria da população que procura a escola pública, ela é um complemento único e por isso indispensável ao próprio processo de socialização da criança, cujos pais, erradicados de sua própria cultura e socialmente desagregados num ambiente estranho, são obrigados a jornadas de trabalho que inviabilizam uma convivência familiar satisfatória. Com essa convivência familiar prejudicada e sem a convivência social que a escola poderia e deveria proporcionar, a criança assimila, pelas ruas, padrões anti-sociais de comportamentos. Nessas condições, a escola pública não pode falhar porque, se é verdade que é muito difícil a determinação do valor relativo da educação como elemento de ascensão social, um ponto é indiscutível: a ausência da educação num meio social altamente urbanizado é devastadora e marginalizante. (Idem)

Para melhor compreender a organização dessa estrutura escolar, baseado em Weber (1963), apontamos a escola como uma organização burocrática, com normas e funções definidas, mas onde o professor eventual tem o seu espaço e trabalham sob normas não muito claras.

Segundo Weber (1963), “toda a história do desenvolvimento do Estado moderno, particularmente, identifica-se com a da moderna burocracia e da empresa burocrática (...)”. Para ele, “a burocracia constitui o tipo tecnicamente mais puro da dominação legal”, mas ressalta que “nenhuma dominação, todavia, é *exclusivamente* burocrática”. Por organização do tipo burocrático estou considerando aquela cuja administração tende à racionalidade integral, de acordo com a definição weberiana. A burocratização de uma empresa ou instituição ocorre por causa da ampliação quantitativa e qualitativa das tarefas administrativas a serem

desenvolvidas. Na esfera da SEE-SP, pode-se avaliar como possível causa de sua burocratização, a expansão do ensino em marcos quantitativos.

Diante desse quadro, constituiu-se o seguinte problema de pesquisa: *Qual é o perfil e que visão expressam acerca de seu trabalho, os professores eventuais da Diretoria de Ensino de Caieiras?*

Algumas questões decorrentes foram formuladas:

- Quantos professores eventuais atuam hoje na rede estadual de ensino?
- Qual é o meio social em que vivem?
- Qual é a formação destes professores?
- Quanto tempo de magistério possuem?
- Como afirmam se relacionar com o ambiente escolar?
- Preparam suas aulas? Como relatam esse preparo?
- Refletem sobre sua prática pedagógica? Que visão expressam acerca do trabalho que desenvolvem?
- O que pensam sobre o trabalho docente, o currículo das escolas e sobre o trabalho que desenvolvem?
- Participam de cursos de formação?
- Quais suas perspectivas para o futuro? Pretendem continuar trabalhando como professores?
- Como foi construída a figura do professor eventual da rede pública estadual?

O objetivo geral deste trabalho, portanto, é traçar um perfil dos professores eventuais da Diretoria de Ensino de Caieiras, sob o ponto de vista daquilo que expressam sobre seu trabalho. Outros objetivos foram definidos: a) conhecer como os professores pesquisados pensam o trabalho que desenvolvem e como percebem ser vistos pelo meio escolar em que atuam; b) reunir indícios que demonstrem a necessidade de maior atenção, tanto do poder público quanto do meio acadêmico, para o trabalho dos professores eventuais; c) contextualizar os fatores que influenciaram a existência destes professores; d) fornecer dados

que embasem uma discussão sobre possíveis mudanças na atual condição de trabalho destes profissionais.

Para focalizar o trabalho dos professores eventuais e compreendendo que estas questões perpassam pela ótica dos temas voltados à atividade profissional dos professores, definiu-se como referencial teórico, dentre outros, os trabalhos de Gimeno Sacristán (1999), Costa (1995) e Huberman (1995).

O referencial teórico adotado, assim como os trabalhos existentes acerca da temática, permitem que se possa traçar hipóteses acerca do objeto de estudo: a) a maioria dos professores eventuais que atuam na diretoria de ensino investigada, é formada por professores recém-formados, que buscam oportunidades de começo da vida profissional; b) eles percebem o trabalho que desenvolvem como um trabalho pouco valorizado, encontrando dificuldades em relacionar-se com os alunos; c) esses professores começam a carreira profissional efetuando um trabalho em situações precárias, que levam a desmotivação profissional.

Como procedimentos de pesquisa e análise, foi realizado um levantamento sobre o número oficial de Professores Eventuais que atuam hoje nas escolas estaduais na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – essa informação, porém, não foi disponibilizada pela SEE, apesar de diversos contatos. Com base em dados preliminares, encontrados em consulta à informação divulgada pela Secretaria de Educação à reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* no dia onze de novembro de 2007, a rede possui 17.358 professores eventuais. Vários contatos com o Departamento de Recursos Humanos (DRHU) foram feitos, por e-mail e por ofício protocolado, porém respostas não foram obtidas.

Nos primeiros contatos com o órgão administrativo DRHU, não foram obtidas informações sobre a legislação. A informação transmitida foi a de que não havia legislação que fundamentasse a contratação do professor eventual e que as dúvidas deveriam ser encaminhadas à Diretoria de Ensino.

O campo empírico da pesquisa é a Diretoria de Ensino de Caieiras, que possibilitou o levantamento de todos os dados exigidos pela pesquisa. Também foi realizado um levantamento quantitativo com base nos cadastros realizados pelos professores eventuais – considerando a existência desses cadastros e a possibilidade de analisá-los, conforme

informação da Diretoria de Ensino, a fim de descrever quantos eram esses professores e a quais escolas estavam vinculados.

De posse destas informações, foram selecionadas escolas das cinco cidades que compõem a Diretoria de Ensino – Franco da Rocha, Mairiporã, Francisco Morato, Caieiras e Cajamar. O critério para esta seleção baseou-se nas escolas que tivessem maior número de professores eventuais cadastrados e que aceitaram que eles participassem da investigação. Foram selecionados professores das séries finais do ensino fundamental (5^a a 8^a séries) e professores do ensino médio por ser nessas modalidades que a figura do professor eventual está mais presente, ou seja, são nessas séries que pode ser localizado o maior número de professores em atuação.

Foram realizadas pesquisas quantitativas e qualitativas, por meio da construção, teste e aplicação de formulário para análise de documentos, questionários (com questões abertas e fechadas) e realização de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram gravadas, transcritas e categorizadas para análise.

Os questionários foram aplicados em aproximadamente 40% dos professores cadastrados na Diretoria. Os critérios para seleção desses professores foi o de aceitarem responder ao questionário, o de que a aplicação fosse permitida pelas escolas nas quais atuam e que fossem professores das cinco cidades que compõem a Diretoria de Ensino de Caieiras.

Dos professores que responderam aos questionários, foram selecionados cinco para participarem das entrevistas semi-estruturadas. O critério para seleção desses professores foi o de aceitarem ser entrevistados e que tivessem trabalhado como professor eventual durante todo o ano letivo de 2009. As informações coletadas foram organizadas e expressas em quadros-síntese e tabelas.

Este trabalho apresenta a seguinte organização:

No capítulo I, discuto os referenciais teóricos dessa pesquisa, assim como outros trabalhos que auxiliam na pesquisa e resgato os dados das pesquisas existentes acerca do professor eventual.

No capítulo II, apresento e analiso os dados coletados na pesquisa por meio dos questionários cujas informações estão organizadas e explicitadas em tabelas.

No capítulo III são apresentados e analisados os dados obtidos nas entrevistas.

Por último, apresento as considerações finais, associando os resultados encontrados às hipóteses construídas, aos problemas e objetivos da pesquisa e complementando as análises feitas nos capítulos anteriores com base nos conceitos abordados ao longo da investigação.

CAPÍTULO I

REFERENCIAIS TEÓRICOS E OUTROS TRABALHOS

Costa (1995) assinala que, desde a década de setenta, o magistério tem sido socialmente uma profissão em crise, e diversos fatores têm contribuído para isso:

fundamentalmente, do meu ponto de vista, a ampliação do contingente do magistério, em decorrência da universalização da escola, multiplicou a participação das mulheres, transformando as professoras em objeto de múltiplos artifícios tendentes a subtrair sua autonomia na gestão de seu próprio trabalho, do currículo e da escola. A redução do prestígio e do âmbito de influência social da docência foi arquitetada, notoriamente, no interior de projetos políticos antidemocráticos, marcados por várias discriminações, entre elas a relativa a gênero. A par disso disseminava-se uma retórica de aprimoramento e valorização dos quadros docentes, retórica essa que continha implícita a intencionalidade de atribuir de às professoras e professores a responsabilidade por uma educação inadequada e por uma escola progressivamente em desacordo com a face desenvolvimentista do país. (COSTA, 1995, p. 16).

Para a autora, o trabalho docente tem registrado profundas transformações decorrentes do modo como ele se insere nas injunções estruturais e conjunturais de sociedades profundamente marcadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico e pela transição para uma era pós-industrial. Costa (1995) ressalta que, nas teses que interpretam o trabalho docente na perspectiva crítica, *profissão* e *trabalho* são conceitos centrais em torno dos quais se desenvolve a maior parte da argumentação.

Professor e escolar são duas categorias que se constituíram historicamente relacionadas uma à outra, vinculadas conjuntamente aos processos e práticas sociais que produzem indivíduos partícipes das trajetórias histórico-culturais das sociedades em que vivem. À medida que a escola se estabeleceu como instituição social e desenvolveu-se, também um grupo ocupacional que exercia o controle e a autoridade no seu fazer diário. (Idem, p. 85).

A autora aponta que uma das vertentes mais fortes, nos estudos relativos ao trabalho no ensino, é a que examina as transformações do professorado em direção à *proletarização*. Os teóricos que desenvolvem essa argumentação – M. Apple, M. Lawn, J. Ozga e M. Fernandez Enguita –, partem da ideia de que essas transformações encaminham a atividade docente para uma identificação com as sub-condições do trabalho assalariado dos operários fabris.

Essas questões envolvem a profissionalidade docente – termo referente ao que é específico da ação docente, isto é, ao conjunto de saberes atitudes, valores, aptidões e comportamentos inerentes à sua atuação. O ato de ensinar é uma prática social, não somente porque há uma interação entre dois indivíduos sociais – o professor e o aluno –, mas, principalmente, porque reflete culturas e contextos sociais a que este grupo social pertence. A base social do professorado constitui, portanto, um fator condicionante para analisar a profissionalidade docente. (Cf. Gimeno Sacristán, 1999).

A profissão docente não usufrui de alto prestígio social e, como coletivo social, os professores não possuem um *status* do grupo profissional que apresenta variações de acordo com a sociedade em que este grupo se insere e seus contextos,

(...) na medida em que a atividade docente não é exterior às condições psicológicas e culturais dos professores. Educar e ensinar é, sobretudo, permitir o contato com a cultura, na acepção mais geral do termo: trata-se de um processo em que a própria experiência cultural do professor é determinante. (Gimeno Sacristán, 1999, p. 67).

Ainda com relação à profissionalidade docente, o autor considera importante analisar a definição social da função do professor. Para ele, o modo escolar de socialização é de extrema significância, pois gera expectativa em relação ao trabalho docente e, conseqüentemente, gera uma pressão social e institucional sobre o trabalho desenvolvido pelos professores e, até mesmo, uma indefinição do papel que o professor deve exercer.

O papel dos professores e a margem de autonomia desses profissionais estão vinculados às relações entre a burocracia e os professores. A ação docente, dessa forma, é tanto condicionada pelos sistemas educativos e pelas organizações escolares onde atuam profissionalmente, quanto regida por normas coletivas e por regulamentações organizacionais. É concebida a partir da observância de certos tipos de regras, referenciada a um conjunto de saberes e de saber-fazer inerentes à profissão docente.

Gimeno Sacristán (1999) aponta ainda que os resultados das ações desempenhadas em sala de aula permanecem no professor, influenciando suas atitudes, possibilitando uma análise do que se fez. A prática pedagógica – ações que foram sendo utilizadas com frequência e que se solidificaram na rotina pedagógica, mas que podem ser alteradas a partir de ações

interativas com outros docentes – é a solidificação coletiva das experiências. O trabalho docente não consiste, portanto, em executar tarefas mecanicamente, requer estabelecer sentido nos métodos e nas técnicas que se utiliza.

Considerando que os professores eventuais iniciam a vida profissional sem preparo de suas aulas, por exemplo, atuando sempre de maneira improvisada e descontextualizada, pode-se compreender que essas práticas é que serão cristalizadas durante toda sua vida profissional.

O conceito de profissionalização docente, segundo Nóvoa (2001), foi construído historicamente e deve ser entendido como um processo dinâmico da evolução de um grupo profissional (Cf. NÓVOA, 1998). Ao abordar a questão específica da contratação docente, Nóvoa (idem) esbarra no aspecto das inadequadas condições de trabalho de um grande número de professores, especialmente os das escolas públicas e daqueles que trabalham como professores eventuais, ponto central deste trabalho. Esse quadro é consequência da desvalorização do professorado, que se iniciou nos anos 70 e 80 com duas tendências que ressurgiram nos últimos anos: uma “visão técnica” que empobreceu e reduziu os campos de autonomia e intervenção do professorado e, concomitantemente, uma “intensificação do trabalho docente” que colocou no cotidiano dos professores múltiplas tarefas, além da docência (gestão, avaliação, formação continuada), sem que se aumentasse o tempo total de permanência dos professores na escola. (Cf. NÓVOA, 2001). Em relação ao trabalho do professor, constata-se a perda de prestígio que vem sofrendo há alguns anos:

Os professores têm perdido prestígio, a profissão docente é mais frágil hoje do que era há alguns anos. Eis um enorme paradoxo. Como é possível a escola nos pedir tantas coisas, atribuir tantas missões e, ao mesmo tempo, fragilizar nosso estatuto profissional? É também um paradoxo a glorificação da sociedade do conhecimento em contraste com o desprestígio com que são tratados os professores. Como se achássemos que tudo se resolve dentro das escolas e, por outro, achássemos que quem está nas escolas são profissionais razoavelmente medíocres, que não precisam de grande formação, grandes condições salariais, que qualquer coisa serve para ser professor (NÓVOA, 2007, p.33).

Para conseguir cumprir suas novas atribuições, foi necessário diminuir o tempo e alterar as condições do exercício em sala de aula, visando à realização das novas tarefas prescritas para ele. Dessa forma e por essas razões, o professor deixa de exercitar as principais tarefas de sua profissão. Nóvoa (2001) salienta que a atual retomada das “*teses de educação*

permanente” trouxe à tona, novamente, o discurso da “*racionalização do ensino*” e da “*intensificação do trabalho docente*”, contribuindo para a desvalorização do trabalho docente, porém com novas máscaras.

A máscara das “competências profissionais” que, mesmo recorrendo ao discurso da reflexividade e da autonomia, tende a encerrar a profissão numa lista de desempenhos técnicos ou comportamentais. A máscara da “prestação de contas” que, através de uma referência aos direitos das famílias e das comunidades, tende a instaurar uma relação de consumo entre os professores e os seus “clientes”. Uma vez mais – como no caso da “formação ao longo da vida” – certamente que nenhum de nós é contra as “competências profissionais” ou a “prestação de contas”. O que não podemos deixar de compreender, e de denunciar, é o modo como estes conceitos, aparentemente “bondosos” e “positivos”, têm servido para desvalorizar o trabalho dos professores (idem, p.254).

Ao analisar a vida profissional do professor – ou ciclo profissional –, Huberman (1995) reflete acerca da carreira docente, questionando se os professores estão sujeitos às mesmas etapas, às mesmas crises, aos mesmos acontecimentos, independente do período e de onde atuam:

Todos os professores passam pelas mesmas fases independentemente da geração a que pertencem? Existem trajetórias diferentes em cada período da carreira profissional? O que faz um professor ser diferente de outro professor? Estão os professores mais ou menos satisfeitos com a sua carreira, em momentos determinados da sua vida profissional? Como ele, na sua atuação em sala de aula, vê os diferentes momentos de sua carreira? Como ele considera seu trabalho com o passar dos anos? Como ele vê seus momentos de crises e como faz para enfrentá-los? Como ele lida com as exigências da instituição escolar? Como percebe a influência dos acontecimentos da sua vida pessoal no trabalho escolar? O que constitui “os melhores anos da docência”? (HUBERMAN, 1995, p. 35).

Diversos aspectos merecem ênfase, pois podem ser importantes para a reflexão sobre a carreira docente. As fases/estágios na carreira profissional e suas possíveis derivações de novas fases dependerão dos acontecimentos ocorridos nas trajetórias individuais dos professores, determinados pelos sujeitos do arbítrio da própria maturidade ou pelo ambiente social. Dessa maneira, utilizando-se da perspectiva da carreira, afirma que esta se dá por meio de um processo e não por uma sucessão de acontecimentos “(.) Para alguns, esse processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída momentos de arranque, descontinuidades.” (Idem, p.38).

Huberman (1995) propôs um modelo de fases na carreira profissional, centrado nos anos de experiência docente, e não na idade. Para ele, o desenvolvimento de uma carreira é um processo que, para alguns, pode ser linear, mas para outros, apresenta momentos de altos e baixos. O estudo da carreira docente possibilita “a compreensão do percurso de uma pessoa numa determinada organização e a forma como as características dessa pessoa influenciam a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela”. (idem, p.38).

A carreira docente caracteriza-se por diferentes fases que constituem o ciclo de vida profissional dos professores. O modelo proposto segue a ordem geral das fases, admitindo, porém, uma grande diversidade em relação às variáveis históricas, institucionais e psicológicas que configuram uma determinada geração, ou seja, pessoas de uma mesma idade e um conjunto de experiências comuns num certo espaço de tempo. São cinco as fases propostas pelo autor, considerando que as três primeiras são comuns à maioria dos professores.

A primeira fase é a entrada na carreira – chamada de *exploração* – e transcorre nos três primeiros anos de ensino. Essa fase pode ter momentos fáceis ou difíceis; é onde surgem os contornos da nova profissão. Caracteriza-se por uma necessidade de sobrevivência no novo meio, um confronto entre os ideais e a realidade do cotidiano escolar. Outra característica dessa fase é a descoberta, por parte do professor, de sua própria atuação, de seus alunos e de sua integração no coletivo profissional.

Nessa fase, o professor experimenta papéis e avalia a sua competência profissional, podendo daí resultar três configurações motivacionais: *sobrevivência*, se o confronto com a realidade escolar tiver sido problemático, nomeadamente pela ocorrência de fracassos na dinâmica estabelecida no processo de ensino-aprendizagem; *descoberta*, se obtiver sucesso, entusiasmo e satisfação com as novas experiências; e *indiferença*, caso tenha escolhido a profissão docente por falta de outras alternativas profissionais. Para Huberman(idem), as situações de *descoberta* e de *sobrevivência* interatuam: a primeira permite tolerar a segunda, embora usualmente haja um perfil predominante. Em relação ao bem ou mal-estar dos professores em início de carreira, Huberman (ibdem) verificou, com base numa análise fatorial, que aqueles que apresentam, sobretudo, motivações materiais e passivas situam-se no eixo do mal-estar, enquanto aqueles que privilegiam as motivações ativas situam-se no eixo do bem-estar profissional.

A fase de **estabilização** – que ocorre entre os quatro e os seis anos de prática profissional – significa o compromisso definitivo com a profissão escolhida, o assumir da identidade profissional, implicando a rejeição de outras alternativas. É habitualmente acompanhada de um maior sentimento de competência, segurança e autoconfiança profissional, pois foi encontrado um estilo pessoal de ensino e ocorre uma relativização dos insucessos – o professor não se sente responsável por tudo aquilo que ocorre na sala de aula. Caracteriza-se pela busca de uma autonomia profissional na execução do trabalho, pela capacidade de tomar decisões próprias – surge o estilo pessoal de comandar a classe e a autoridade passa a ser mais natural, mais espontânea. Delineia-se, nesse momento, uma identidade profissional. Os percursos individuais parecem divergir mais a partir dessa fase.

Alguns professores estabilizam-se mais cedo do que outros e alguns nunca o fazem, uma vez que nunca se identificam definitivamente com a profissão docente. A estas duas primeiras fases seguem-se outras, distinguindo Huberman, em cada uma delas, dois pólos de desenvolvimento profissional, traduzindo o grau de satisfação/insatisfação que os professores podem ter em cada fase.

A fase da **diversificação ou questionamento** abrange o período que varia entre sete e vinte e cinco anos de experiência docente. É caracterizada por duas situações: de um lado, existem professores que procuram comprometer-se com o trabalho de ensino, buscando novas experiências pessoais; de outro, alguns professores, devido às limitações institucionais do trabalho, sentem-se prejudicados no desempenho em sala de aula e, como saída para a carreira, buscam novos desdobramentos, como por exemplo, direção, assessorias e responsabilidades administrativas. Nessa fase, os professores procuram preservar o *status* adquirido, buscando a atualização que permite conservar o entusiasmo. Entretanto, a fase de diversificação pode desencadear um período de incertezas, variando de pessoa para pessoa. Segundo essa perspectiva, o professor pode expressar um grande dinamismo, salientando as suas qualidades profissionais, adotando um estilo pessoal no processo de ensino-aprendizagem, procurando ser reconhecido ou ter prestígio.

O **conservantismo** é uma fase situada num período entre vinte e cinco e trinta e cinco anos de experiência profissional. Nessa fase os sintomas podem variar desde um ligeiro sentimento de rotina até uma crise existencial que questiona a continuidade, ou não, da

carreira profissional. Destaca-se que nem todos os professores passam por essa crise. Os docentes tornam-se mais reflexivos, menos preocupados com os problemas de classe/grupo. Mantém uma distância afetiva com relação aos seus alunos, uma distância, na maioria das vezes, criada pelos próprios alunos em razão da diferença de idade e incompreensão mútua. Surge a rigidez, associada a lamentações, sobretudo sobre os alunos e sobre a política educativa, ou, ao contrário, *distanciamento afetivo* face aos alunos e às tarefas escolares, associado à serenidade e auto-aceitação. O investimento profissional diminui, sobretudo porque os professores sentem que não têm que provar nada, nem aos outros, nem a si próprios.

Por último a fase que Huberman chama de *desinvestimento* (sereno ou amargo) ocorre entre 35 e 40 anos de docência. Professores, entre 50 e 60 anos, frente às novas gerações de alunos, a colegas jovens e às medidas de política educativa, adotam uma postura conservadora, mais prudente e mais crítica. Eles manifestam-se de forma queixosa e até mesmo reacionária, diante de propostas de mudanças. É o período do fim de carreira, momento em que apresenta um processo de desaceleração e desengajamento do trabalho, seja por limitações pessoais, seja por preocupações de ordem pessoal. Os professores participam menos das ocupações profissionais e mais das atividades de lazer. Os professores libertam-se, progressivamente, do investimento no trabalho, para dedicar mais tempo a si próprios. Muitas vezes, as pessoas se dispõem a fazer um “balanço” das suas vidas em função do tempo que ainda falta para encerrar a carreira profissional.

Utilizando essa análise de Huberman (idem), consideramos que é na fase de *exploração* que se encontram a maioria dos professores eventuais. Vivem uma situação marcada pela contradição entre o “entusiasmo inicial” e a real situação que encontram nas escolas, onde são impossibilitados de constituírem o trabalho docente.

Ao pesquisar as práticas de socialização de professores iniciantes na rede pública estadual paulista, Ferreirinho (2004) aborda esse processo. Os professores iniciantes, por terem menor pontuação na escala de atribuição de aulas, geralmente ficam com as piores salas, ou seja, com aquelas que apresentam alunos com maiores dificuldades de aprendizado e maiores problemas comportamentais. No caso dos professores eventuais, eles nem “possuem” turmas, ficam sempre à espera, sem previsão das aulas que irão dar.

A autora enfatiza ainda a falta de apoio pedagógico ao professor iniciante, que não conta com nenhuma assistência na escola. Assim, o isolamento profissional sofrido por tais professores, dentro do ambiente escolar, dificulta ainda mais o início da carreira. Compreendendo que esse início é fundamental para a construção da carreira do professor, para Ferreirinho (2004), “investigar as práticas vividas” por esses professores no interior da escola pode levar à identificação de “aspectos do processo de socialização que sugere regras e códigos que consolidam o processo de construção profissional”. (FERREIRINHO, 2004, p. 12).

CAPÍTULO II

OS DADOS: QUEM SÃO OS PROFESSORES EVENTUAIS PESQUISADOS?

Para conhecer o pensamento sobre como se percebem e sobre a sua situação profissional, foram aplicados questionários em uma amostra de 74 professores eventuais, que trabalham nas cinco cidades pertencentes à Diretoria de Ensino de Caieiras. Depois de o questionário ser anteriormente testado, todos os professores responderam-no. As informações coletadas foram organizadas em tabelas apresentadas em sequência.

A Tabela 1 refere-se à distribuição de gênero dos professores participantes da pesquisa. Vê-se que temos 41 professoras e 33 professores, demonstrando, mais uma vez, o caráter feminino da profissão docente, também visto entre os professores eventuais.

Tabela 1- Gênero dos professores pesquisados

Gênero	Professores
Feminino	41
Masculino	33
Total	74

Na Tabela 2, apresenta-se a **cidade de residência** dos professores pesquisados, assim como a **cidade em que lecionam**. Percebe-se que apenas 3 professores não residem em cidades que compõem a Diretoria de Ensino onde essa pesquisa foi realizada. A grande maioria dos professores leciona na mesma cidade de residência, portanto podemos entender que não há muitos deslocamentos.

Tabela 2- Número de professores, segundo a residência e a cidade onde lecionam

Município	Reside	Leciona
Caieiras	08	09
Cajamar	05	06
Francisco Morato	36	38
Franco da Rocha	08	07
Mairiporã	14	14
São Paulo	03	-
Total	74	74

Na Tabela 3, quanto à **formação dos professores**, constata-se que os professores pesquisados são formados nas mais diferentes áreas. Com licenciatura em química, há 4 professores e, em Física, nenhum. Massunaga e Pinto (2005, p. 3), ao discutirem a falta de professores de Física no Brasil concluem que essa falta “(...) gera uma realidade na qual a disciplina Física é ministrada por professores ou profissionais de outras áreas”. Podemos compreender, portanto, que os professores formados nessas áreas conseguem aulas mais facilmente, já que existe uma grande demanda por estes profissionais na rede estadual paulista, assim como nas demais redes públicas do país.

Tabela 3- Distribuição dos professores, quanto à sua formação

Licenciatura	Professores
Artes	06
Ciências Biológicas	06
Ed. Física	17
Filosofia	03
Geografia	03
História	14
Letras	07
Matemática	11
Química	04
Sem Resposta	03
Total	74

Na Tabela 4, estão apresentadas as **Instituições de formação dos professores**. Vê-se que apenas 1 professor foi formado em uma universidade pública – no caso, a UNESP. Outro aspecto importante é que há a grande concentração nas universidades localizadas na região – como o IMENSU e a FACCAMP.

Tabela 4- Instituições de formação dos professores

Instituições	Tipo de Instituição	Professores
UNG	Privada	19
FACCAMP	Privada	10
IMENSU	Privada	10
UNINOVE	Privada	05
FIG	Privada	03
UNIFAI	Privada	03
UNIJALES	Privada	03
Uni Sant'Ana	Privada	03
FIU	Privada	02
ESEF	Privada	01
Fac. Mozarteum	Privada	01
FAMUSP	Privada	01
FUNEC	Privada	01
Oswaldo Cruz	Privada	01
Padre Anchieta	Privada	01
PUC	Privada	01
Teresa Martin	Privada	01
UNAR	Privada	01
UNESP	Pública	01
UNIMES	Privada	01
Univ. São Judas	Privada	01
Não responderam		04
Total		74

A publicação⁴ do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira –, sobre o Censo da Educação Superior, mostra que, do total de alunos matriculados no ensino superior, 3.639.413 estão em algum tipo de universidade particular, enquanto somente 1.240.968 estão em universidades públicas. Mostra ainda que, entre as

⁴ Dados do Censo da Educação Superior, disponível em www.inep.gov.br/imprensa/noticia/censo/superior.

faculdades, 92,5% são instituições particulares, entre os centros universitários 96,7% e 47,5% entre as universidades. Do total de IES (Instituições de Ensino Superior), 89% correspondem a instituições particulares e apenas 11% às públicas (estaduais, municipais e federais). Diante desses dados, vemos que o número de professores que responderam ao questionário, formados em instituições particulares, está de acordo com os números nacionais. (DOURADO, 2009, p. 27).

Na Tabela 5, apresenta-se a faixa etária dos professores. Constatamos que a maioria tem hoje menos de 30 anos. Do total, mais de 20 professores têm menos de 25 anos. Em geral, são professores jovens.

Tabela 5- Faixa etária dos professores

Faixa etária	Professores
Menos de 25 anos	22
26 – 30 anos	24
31 – 35 anos	07
36 – 40 anos	03
41 – 45 anos	08
46 – 50 anos	01
Não responderam	09
Total	74

Em relação ao **ano de conclusão da licenciatura**, a Tabela 6 demonstra que a maioria formou-se há menos de 5 anos e que grande parte – 18 professores – ainda é de estudantes. Somente 1 professor é formado há mais de 10 anos.

Tabela 6- Ano de conclusão do curso de licenciatura

Ano de conclusão	Professores
Antes de 1996	–
1996 a 2000	01
2001 a 2005	06
2006 a 2009	49
Formação em andamento	18
Total	74

A Tabela 7, que indica o **tempo de experiência** como professor eventual dos pesquisados, demonstra que, dos professores pesquisados, a maior parte tem mais de 1 ano de experiência profissional como professor eventual. Percebe-se um processo de continuidade, com professores permanecendo em uma situação profissional que seria um “improviso”, uma experiência passageira.

Tabela 7- Tempo de experiência docente

Experiência docente como eventual	Professores
Nenhuma	01
Menos de 1 ano	05
1 ano	29
2 anos	18
3 anos	13
4 anos	07
5 anos	01
Total	74

Utilizando os conceitos de Huberman, identificamos que a maioria desses professores encontra-se na fase de *exploração*, a fase de descoberta de sua própria atuação, de seus alunos e da integração no coletivo profissional, momento no qual surgem os contornos da profissão. Entendemos que essa fase de “descoberta”, talvez, esteja mostrando a esses jovens professores uma realidade muito difícil, caracterizada pelas más condições de trabalho, falta de continuidade e com poucas alternativas profissionais.

A Tabela 8 é significativa, pois demonstra que 65 professores dos 74 pesquisados afirmam nunca ter participado de **formação contínua** oferecida pela SEE, enquanto que 69 professores nunca participaram de formações voltadas à sua prática como professor eventual. Tais dados comprovam que é inexistente a política de formação para esses professores que iniciam sua vida profissional na rede estadual paulista.

Tabela 8 – Formação contínua

Oferta de cursos de formação pela SEE aos Prof. Eventuais	Professores
Não	69
Sim	05
Total	74

Como vemos na Tabela 9, em relação a outro **vínculo empregatício**, 57 professores possuem apenas um vínculo – com a rede estadual; outros 17 professores atuam também em outro emprego.

Tabela 9- Vínculo empregatício

Outro vínculo empregatício	Professores
Não	57
Assessor Parlamentar	01
Cabeleireira	02
Comércio	03
Educação	08
Indústria	03
Total	74

Em relação ao outro vínculo profissional, vê-se que eles são variados. Existem professores que também atuam no comércio, na indústria – um deles é metalúrgico –, em salões de beleza, como cabeleireiros e até em assessoria parlamentar. Fica explícita a busca de meios para a sobrevivência econômica e exercício profissional da docência. Na prática, torna-se um outro trabalho, mais ou menos importante pela ausência de oportunidade para exercê-lo com dignidade.

Na Tabela seguinte (Tabela 10), está apresentada a **renda salarial** informada pelos professores pesquisados. Constatamos que 49 professores – reunindo os que declaram receber de R\$ 400,00 a R\$ 600,00 e R\$ 700,00 a R\$ 900,00 – declaram receber abaixo de R\$ 1.000,00. Se o salário dos professores efetivos já é muito baixo dentro do contexto social brasileiro, o que dizer do salário do professor eventual?

Tabela 10 – Renda salarial dos professores

Salário em R\$	Professores
400,00 a 600,00	25
700,00 a 900,00	24
1.000,00 a 1.200,00	17
1.300,00 a 1.500,00	04
Acima de 1.500,00	–
Não responderam	04
Total	74

Quadro 3 - Média Salarial de Cidades Metropolitanas Brasileiras - 2009

Regiões Metropolitanas do Brasil	Média Salarial em R\$
Distrito Federal	2.148,00
São Paulo	1.351,00
Belo Horizonte	1.274,00
Porto Alegre	1.221,00
Salvador	1.111,00
Recife	882,00

Fonte: DIEESE⁵

A Tabela 11 aponta que os professores pesquisados, em sua maioria, desconhecem os **critérios para sua contratação**. Esses critérios, como já foi visto anteriormente, não são claros na legislação que regulamenta a contratação desses profissionais. Este aspecto mostra a acomodação do Sistema de Ensino que acolhe e rejeita o professor eventual.

⁵ DIEESE: Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, disponível em: <http://www.dieese.org.br/ped/bd/mercado trab.xml>

Tabela 11 – Critérios de contratação

Conhecem os critérios de contratação	Professores
Não	31
Apresentação de documentos	03
Contrato	01
Legislação em vigor	02
Nota da Prova e/ou pontuação	06
Não ter aulas atribuídas	01
Pontuação e classificação	05
Ser estudante de Licenciatura	05
Sim, sem especificar	12
Não Responderam	08
Total	74

A Tabela 12, a seguir, retrata o **grau de satisfação** com o trabalho. Vemos que as respostas foram variadas, apesar de 30 professores apontarem para uma avaliação positiva.

Tabela 12 – Grau de satisfação com o trabalho

Grau de satisfação com o trabalho	Professores
Ótimo	06
Bom	24
Regular	28
Ruim	16
Total	74

Os dados apresentados, na tabela acima, mostram indícios de um perfil do professor eventual que confirmam os princípios de Huberman (1995): enquanto 44 professores estão numa configuração de sobrevivência, que consideram o trabalho eventual como regular ou ruim, quase a metade, 30 professores, que consideram ótimo ou bom, estão na configuração da descoberta, dentro da fase de exploração. Pode-se compreender que os professores que avaliam seu trabalho de forma positiva, pretendem não demonstrar que enfrentam situações profissionais tão difíceis, pois estão em uma fase de construção da carreira, com muitas expectativas profissionais.

CAPÍTULO III

DANDO VOZ AOS PROFESSORES EVENTUAIS

No presente capítulo, apresenta-se a visão dos professores eventuais pesquisados acerca de seu trabalho, identificando o que pensam sobre o trabalho que realizam, sua relação com a escola - alunos, professores, diretores, outros professores – e sobre suas perspectivas profissionais. Tais dados foram colhidos por meio de entrevista semi-estruturada⁶, e os resultados organizados em quadros-síntese, de forma a facilitar a compreensão dos resultados obtidos. Os professores entrevistados⁷ foram selecionados, dentre os que responderam aos questionários, utilizando, como critério de seleção, os que aceitaram participar das entrevistas, realizadas individualmente. Os professores eventuais entrevistados lecionam em diferentes escolas da Diretoria de Ensino de Caieiras, pertencentes às quatro cidades que compõem a Diretoria.

Os aspectos aqui apresentados são constatados apoiando-se, principalmente, nos estudos de Gimeno Sacristan (1999), Costa (1995) e Huberman(1995), autores que dão a ótica teórica dessa investigação.

Quadro 4- Perfil dos Professores Entrevistados

Professores	Perfil
Prof. João	Tem 25 de idade. Formado em Artes há um ano, atua como professor eventual há dois anos. Possui acúmulo de cargo em uma rede municipal, como auxiliar de secretaria de escola.

Continua...

⁶ A entrevista semi-estruturada foi adotada por possibilitar alterações na formulação das questões para os diferentes sujeitos.

⁷ Os nomes dos professores entrevistados foram trocados atendendo à solicitação dos mesmos.

... continuação

Professores	Perfil
Prof^a Beatriz	Possui 26 de idade e é formada em Biologia há dois anos. Trabalha há três anos como professora eventual.
Prof^a Alice	Tem 27 anos, é formada em Língua Portuguesa e Pedagogia. Trabalha como eventual há quatro anos e, também, como secretária de escola em uma rede municipal.
Prof^a Joana	Com 34 de idade, é professora eventual há quatro anos. É formada no magistério e tem licenciatura em Matemática. Trabalha como professora de educação infantil em uma rede municipal.

Quadro 5 - Descrição da atuação como professores eventuais pelos entrevistados

Professores	Descrição
Prof. João	<p>Descrição geral: (...) “Eu vou lá para dar aulas todos os dias de manhã. Se tiver aula para dar eu dou, e se não, eu fico lá na sala dos professores, pesquisando alguma coisa. Eu não tenho uma relação com outros projetos da escola (...) eu tento participar de outros projetos, mas o tempo não permite”.</p> <p>Como e quando é avisado sobre as substituições: “Isso raramente acontece, normalmente, quando acontece, parte do próprio professor, mas como eu disse, é raro isso acontecer, a gente sabe no dia” (...)</p>
Prof^a Beatriz	<p>Descrição geral: “Bom, eu acredito que a minha atuação como professora eventual da escola seja boa, mas ela poderia ser melhor ainda se eu tivesse um apoio na parte pedagógica, se eu tivesse informação continuada”.</p> <p>Como e quando é avisado sobre as substituições: “Algumas aulas sim, quando o professor avisa com bastante antecedência eles avisam, mas muitas vezes não; é por isso que é importante já ter um projetinho, aulas preparadas e diversificadas, para poder estar preparada para entrar na sala”.</p>

Continua...

... continuação

Professores	Descrição
Prof ^a Alice	<p>Descrição geral: “Eu chego na escola de manhã, vejo se tem alguma sala sem professor, me encaminho para a sala de aula e dou minha aula, e vou embora; não tenho muito contato com o pessoal da escola, com a direção”.</p> <p>Como e quando é avisado sobre as substituições: “Nunca, a gente só fica sabendo quando chega lá: ‘ah, professor fulano não veio’ ... ‘ih, alguém tem que ir lá na sala de aula’ (...)”.</p>
Prof ^a Joana	<p>Descrição geral: “Olha, a gente procura fazer o melhor possível, trabalhar com aulas que chamem a atenção dos alunos, para que a gente consiga desenvolver um bom trabalho na sala de aula.”</p> <p>Como e quando é avisado sobre as substituições: “Uma das maiores dificuldades” (...) “é não saber antes, com antecedência, o que você vai fazer lá (...)”.</p>

No **Quadro 5**, estão transcritas as descrições dos professores entrevistados sobre a sua atuação nas escolas. Notamos que o termo “*dar aula*” aparece em muitos momentos, como a principal atividade desempenhada por eles. Percebe-se que não existe uma ligação com outras atividades da escola, como o planejamento, reuniões pedagógicas, reunião de pais, por exemplo. Quando perguntados se são avisados com antecedência sobre as aulas que vão substituir, todos os professores respondem que isso raramente acontece. Entendemos que a improvisação, portanto, é aspecto característico do trabalho do professor eventual, pois eles nunca preveem em quais salas e em quais séries substituirão os professores titulares. Certamente, esse fator contribui para que seu trabalho seja precário, na medida em que o planejamento é fator preponderante para uma boa aula.

Quadro 6 - Descrição dos professores entrevistados sobre o preparo das aulas

Professores	Descrição
Prof. João	<p>Professores titulares deixam as aulas preparadas? “Isso é raro acontecer, também. Eu posso contar nos dedos quantas vezes os professores deixaram material para passar– foram umas 3 ou 4 vezes num ano; normalmente, eles não avisam (...). Se o professor deixa um material para a gente, aí a gente só faz aquilo que o professor passou; normalmente é uma atividade pronta, uma prova , um texto para eles copiarem”.</p> <p>Como prepara as aulas? “Lá a gente dá aula da sétima, oitava e primeiro ano do ensino médio. Então, eu já tenho minhas aulas preparadas para essas séries, e as que eu pegar nesse dia eu vou trabalhar com as aulas que eu já preparei (...). A gente acaba adaptando, mudando algumas coisas, mas eu já preparo antes as aulas de acordo (...)”.</p>
Prof^a Beatriz	<p>Professores titulares deixam as aulas preparadas? “Tem os professores que gostam de deixar a aula preparada para o eventual poder estar passando, e tem os professores que não gostam, que faltam”.</p> <p>Como prepara as aulas? “Procuro ver onde que o professor parou e dar continuidade; mas eu não gosto de entrar na sala e estar despreparada, e que os alunos percebam que eu não estou preparada para a aula”.</p>
Prof^a Alice	<p>Professores titulares deixam as aulas preparadas? “Não, nunca deixam”.</p> <p>Como prepara as aulas? “Geralmente eu preparo alguma coisa em casa, sempre tenho uma pastinha com alguma coisa preparada, ou de temas transversais ou de acontecimentos do dia-dia, da atualidade, do que está acontecendo”.</p>
Prof^a Joana	<p>Professores titulares deixam as aulas preparadas? “Não, para mim nunca deixaram.”</p> <p>Como prepara as aulas? “(...)eu sempre trabalho coisas que eu levo, preparadas por mim, da área de cada um, não”.</p>

O **Quadro 6** apresenta o relato dos professores entrevistados sobre o processo de preparação das aulas. Vê-se que há consonância nas respostas: todos os entrevistados afirmam que não costumam receber as aulas preparadas dos professores que estão substituindo. Se já afirmaram que não são avisados com antecedência sobre as substituições e não recebem as aulas preparadas, o professor eventual deve estar sempre preparado para arranjos, pois dificilmente as aulas podem ser preparadas de maneira a garantir a continuidade do trabalho. Ao relatar esse processo de preparação das aulas, os professores demonstram que precisam adotar estratégias próprias para conseguirem cumprir seu papel – garantir a permanência dos alunos na sala de aula, principal função do professor eventual demonstrada ao longo desta pesquisa.

Quadro 7- Relato dos professores entrevistados sobre as substituições em aulas das diversas disciplinas

Sobre a substituição em aulas de disciplinas em que não é formado: “Lá a gente acaba substituindo aulas de outras disciplinas, na maioria das vezes, de outras disciplinas, e como não têm todos eventuais de cada disciplina, a gente acaba pegando; no entanto, eu dou aula só da minha disciplina, arte; que eu não vou dar aula de uma matéria que eu não conheça, não estudei; então, apenas de arte. O que acontece, às vezes, é tentar encaixar alguma coisa com um conteúdo daquela disciplina que estou substituindo, mas, normalmente, é de arte mesmo, e como a gente só sabe na hora ali, a gente tem que improvisar aqui ou ali, para ver se tem a ver com algum conteúdo (...). Já tivemos orientação nesse sentido, de tentar seguir a matéria do que está sendo substituído, mas normalmente, como você não tem domínio sobre aquilo, então você acaba ficando na sua própria área, e eles falam isso, então você não consegue desenvolver muito”

Prof. João

Continua...

... continuação.

Profª Beatriz	<p>Sobre a substituição em aulas de disciplinas em que não é formado:</p> <p>Então... geralmente na escola, o professor eventual é um tanto largado, mas a exigência da maior parte das diretoras é que a gente dê continuidade ao trabalho do professor, ou ele deixa a matéria já pronta ou a gente segue na disciplina de matemática, ou português, no que a gente entrar; agora, com essa proposta, eles gostam que a gente siga a apostila; então... e aí eu entro e procuro trabalhar a necessidade dos alunos relacionada à minha disciplina e não à outra que estou substituindo.</p>
Profª Alice	<p>Sobre a substituição em aulas de disciplinas em que não é formado: “(...) geralmente o ensino fundamental e médio é um professor por disciplina. Então, nem sempre o professor que falta é o de português ou de matemática; geralmente eu não trabalho a matéria em que eu sou formada, eu trabalho com outros temas fora da matéria que eu sou formada (...) temas mais gerais...”</p>
Profª Joana	<p>Sobre a substituição em aulas de disciplinas em que não é formado:</p> <p>“Geralmente não, a gente chega lá e ele vem com um horário, e a gente entra em todas as áreas; eu procuro trabalhar um pouco de leitura/escrita e um pouco de matemática, embora não seja a leitura/escrita a minha área. Minha área é matemática, mas eu procuro fazer esse trabalho para não estar entrando em outras áreas, que eu não tenho domínio das outras áreas para eu estar trabalhando”.</p>

No **Quadro 7**, os professores relatam uma grave situação: a substituição em aulas de disciplinas em que não são formados. Os professores que trabalham com a educação infantil e com as séries iniciais são professores chamados polivalentes⁸, pois lecionam um conjunto de saberes. Os professores que são o objeto dessa pesquisa trabalham com as séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, portanto, são oriundos de cursos de licenciatura e, por

⁸ Historicamente, formados na Escola Normal, CEFAM – Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – ou na Pedagogia.

isso, considerados especialistas nas diferentes áreas. Assim, uma professora de Biologia – como é o caso da Professora Beatriz – não está habilitada para substituir aulas de Língua Portuguesa ou Matemática, por exemplo. Pelo relato dos professores entrevistados, entretanto, é exatamente isso que está acontecendo. Na falta de professores eventuais para todas as disciplinas, as escolas não conseguem organizar uma estrutura que garanta ao aluno a aula com o professor da disciplina que precisa ser substituída. Ao que parece, conforme os relatos, os professores eventuais estão sendo coagidos a substituir aulas de toda e qualquer disciplina, em uma situação que de extrema seriedade.

Quadro 8 - Percepção dos professores sobre seu preparo para atuar como professores eventuais

Prof. João	<p>Percepção e avaliação do trabalho que realiza: “O problema é que a gente não tem espaço para desenvolver todas as atividades que pensa, os projetos que a gente tem em mente, justamente pelo fato de não ter uma turma, uma classe fixa, que se encontra toda a semana; então, a gente pega uma sala hoje, a gente só vai pegar essa sala daqui a uma semana, duas semanas, então, não são encontros regulares com a mesma turma, então fica difícil, aliás, fica impossível desenvolver um trabalho(...). O meu trabalho, que eu procuro desenvolver com os alunos, eu acredito nele, eu acho muito bom; o que falta é o espaço e tempo para a gente poder desenvolver mais. Eu acredito que se eu tivesse tempo e mais espaço eu conseguiria desenvolver um trabalho melhor”.</p>
Profª Beatriz	<p>Percepção e avaliação do trabalho que realiza: “Não, não me sinto preparada, eu acho que deveria ter cursos de alguma coisa, que fizesse o eventual ser mais valorizado, tanto pelo corpo docente como pelo corpo discente”.</p>

Continua...

... continuação.

Prof^a Alice **Percepção e avaliação do trabalho que realiza:** “Não, não me sinto preparada, eu acho que deveria ter cursos de alguma coisa, que fizesse o eventual ser mais valorizado, tanto pelo corpo docente como pelo corpo discente. (...). No sentido da minha aula sim, me sinto preparada pelo fato de eu preparar antecipadamente, tem um projetinho que eu apresento para a diretora; agora, pensando no global da escola, não, pelo fato de a gente ficar muito solitário e separado do grupo da escola”.

Prof^a Joana **Percepção e avaliação do trabalho que realiza:** “Eu me sinto preparada, sim... estudei para ser professora, já tenho experiência em dar aula... o difícil é essa situação de eventual”

O **Quadro 8** mostra a difícil situação em que se encontra o professor eventual, ao responderem sobre sua percepção e avaliação do trabalho que realiza. O professor João e a professora Beatriz estão na fase onde surgem os contornos da profissão que, para Huberman (1995), é a fase da **exploração**, cuja configuração é a *sobrevivência*, que pode ocorrer se o confronto com a realidade escolar tiver sido problemático, pela ocorrência de fracasso na dinâmica estabelecida.

Esses professores, que iniciam sua vida profissional, vivem essa situação de confronto entre as expectativas de crescimento profissional, de realização de um bom trabalho e a realidade, onde ficam reprimidos à situação incerta da “eventualidade”. A professora Alice e a professora Joana estariam na fase de **estabilização**, que ocorre, segundo o autor, entre os quatro e os seis anos de prática profissional. Note-se que essas professoras estão nessa condição – de professoras eventuais – há quatro anos. Segundo Huberman (idem), essa é a fase de compromisso definitivo com a profissão escolhida, o assumir da identidade profissional, com a rejeição de outras alternativas.

Quadro 9 - Percepção dos professores entrevistados sobre as principais dificuldades

Prof. João	<p>Principais dificuldades: “(...) talvez a principal delas, a desvalorização do professor eventual como professor; isso parte primeiramente dos alunos, que eles não recebem, não entendem a gente como professor. Eles acham que não vai contar nada para a nota deles, nada, e mesmo até dos outros professores efetivos da escola, que, às vezes, muitos deles, não é direto isso, mas, muitos deles não entendem que somos professores que tem um respeito como eles, um ponto de igualdade com eles”.</p>
Profª Beatriz	<p>Principais dificuldades: “Falta de apoio do suporte, a coordenação, a direção só atendem os professores titulares. O sistema, que nunca tem nenhuma formação para a gente, nenhum tipo de formação ou capacitação; as reuniões que tem na escola, nós nunca somos chamados para participar e nunca tem nenhum tema relacionado ao nosso trabalho; aí acaba tendo inspetor querendo palpitar no nosso trabalho, diretor, professor, todo mundo quer influenciar no trabalho que a gente está tendo na sala de aula. Os alunos acabam não considerando a gente como professor mesmo da disciplina, então, a gente tem que ganhá-los, adquirir o respeito deles para poder ter um bom trabalho na sala de aula, que o que eles querem, muitas vezes, é ir embora; e também eu não sinto a ajuda dos professores que a gente substitui, muitos professores acabam não gostando, porque é certeza deles levarem a falta; porque existem falhas no decorrer do dia, o inspetor não marca, não registra no livro de ponto que o professor faltou, e quando a gente entra, como a gente vai ter que receber essa aula de determinado professor (...) porque aí evita a falha no sistema dentro da escola.</p>
Profª Alice	<p>Principais dificuldades: “É a falta de apoio, tanto dos professores, quanto da direção”.</p>
Profª Joana	<p>Principais dificuldades: “Olha, uma das que eu acho a mais difícil é você chegar e ter que entrar na sala de repente numa área que você não domina, e não saber antes, com antecedência, o que você vai fazer lá, a área que você vai trabalhar. O apoio do suporte pedagógico é complicado também, a recusa dos alunos em relação a gente, eles se recusam a fazer atividades, eles chegam até a dizer: ‘ah , você não é professor, o que você está fazendo aqui?’ Então, é muito difícil, acho bem difícil”.</p>

No **Quadro 9**, está organizado o relato dos professores entrevistados sobre as principais dificuldades que encontram no trabalho como professores eventuais. A situação de imprevisto é, mais uma vez, apontada pela professora Joana como uma das principais dificuldades com que se depara.

Todos os entrevistados apontam também para a falta de apoio dos gestores escolares – diretor da escola, vice-diretor, coordenador pedagógico. Demonstram que realizam um trabalho solitário, enfrentando sozinhos suas dificuldades e criando estratégias para a sobrevivência.

Outros fatores apontados, que também aparecem nos **Quadros 10 e 11**, são a relação com os alunos e com os outros professores da escola. Um aspecto importante é indicado pela professora Beatriz: a existência de mecanismos que podem colocar os professores titulares “contra” os professores eventuais. Consiste, segundo seu relato, na certeza de que o professor titular passa a ter de que sua falta não passará despercebida, caso seja substituída por algum professor eventual, pois para ser remunerada ao professor eventual, a aula precisa ser lançada no sistema de controle do pagamento, como falta do professor titular.

Ainda, segundo a professora Beatriz, erros podem acontecer quando a aula não é substituída pelo professor eventual – os alunos podem permanecer em aula “vaga”, ou irem embora mais cedo –, e essa falta do professor titular pode deixar de ser registrada no livro ponto.

Quadro 10 - Percepção dos professores entrevistados acerca de suas relações com os alunos

Prof. João	Relação com os alunos: (...) “a desvalorização do professor eventual como professor... isso parte primeiramente dos alunos, que não entendem a gente como professor, eles acham que não vai contar nada para a nota deles (...)
-------------------	--

Continua...

... continuação.

Profª Beatriz	Relação com os alunos: “Então... no começo eles não aceitam o nosso trabalho, porque eles poderiam estar jogando bola ou, muitas vezes, indo embora (...), e a gente vai tentando cativá-los e adquirindo respeito aos poucos; e a nossa aula tem que ser mil vezes mais interessante do que a aula do professor titular; (...) porque os professores usam as notas como instrumento, para o aluno ficar com medo, mas a gente, como não temos instrumento nenhum, tem que ser mesmo pelo estímulo”.
----------------------	---

Profª Alice	Relação com os alunos: “Bem complicado, que o aluno geralmente dá valor para o professor que dá a matéria para ele, para o eventual ele fala: ‘nem professor você é’; então, valorização, assim, nenhuma”.
--------------------	---

Profª Joana	Relação com os alunos: “Os alunos também são difíceis; então, você tem que estar com bastante atividades diferenciadas, bastante coisas assim, que chame a atenção mesmo, porque, se você não estiver com uma aula que chame a atenção, você não consegue com que os alunos fiquem envolvidos com a sua aula e desenvolva um trabalho legal na sala de aula”.
--------------------	--

No **Quadro 10**, está descrita a percepção dos professores entrevistados sobre a relação mantida por eles com os alunos. Novamente, há consenso de que não é uma relação tranquila. Os professores relatam que são muitas as dificuldades para que consigam desenvolver seu trabalho com os alunos.

Caso os alunos não tenham a aula substituída por um professor eventual, eles poderão ser dispensados mais cedo para ir embora, ou podem ficar – durante a aula conhecida como “aula vaga” – no pátio da escola, ou na quadra, sozinhos, sem desenvolverem nenhuma atividade dirigida. Normalmente usam esse tempo para jogar futebol, ou outras atividades recreativas, de acordo com o relato dos entrevistados. A relação de conflito relatada pelos professores, portanto, tem explicação, como aponta a professora Beatriz: se os alunos podem ir embora, ou jogar bola, é de se esperar que não fiquem contentes em ter a aula substituída por um professor eventual.

Outro fator gerador de conflitos é o fator “nota”. Segundo o relato dos professores entrevistados, as atividades desenvolvidas por eles não possuem o mesmo “valor” para os

alunos, pois não são consideradas nas avaliações e, como visto, não possuem relação com os conteúdos desenvolvidos pelos professores titulares. Esse se torna mais um agente para a desvalorização do professor eventual por parte dos alunos.

Note-se que os professores utilizam a palavra **desvalorização** para falar sobre o trabalho que realizam, portanto têm consciência das características incertas de seu trabalho. Na informação dada pela professora Alice, por exemplo, os alunos não os veem como professores de verdade.

Quadro 11- Percepção dos professores entrevistados acerca de suas relações com os professores e a participação nas reuniões da escola

Prof. João	<p>Relação com os outros professores: “Normalmente, essa relação se dá com outros professores eventuais, que são da mesma situação. Normalmente, somos quase da mesma idade. (...) Em outros casos, apenas com professores efetivos que são já amigos, já conhecidos de outros lugares; os outros professores normalmente a gente não conversa”.</p> <p>Participação nas reuniões: “Muito pouco eu participei, só quando, normalmente, eles convocam para dar um recado geral, mas, em via de regra, eu e os outros professores eventuais não participamos, também pelo fato de que a gente não recebe por isso(...)”.</p>
Profª Beatriz	<p>Relação com os outros professores: “Eu procuro ter uma boa relação com os professores, mas tem esse lado de muitos não gostarem dos professores eventuais. Por causa disso, que eu acabei relatando anteriormente, sobre a certeza da falta deles”.</p> <p>Participação nas reuniões: “Eu não participo. As vezes que eu participo é por interesse próprio, para poder estar sabendo do interesse da escola eu fico sabendo por outros professores e em algumas reuniões, eu procuro estar presente, mas, eu estando presente, ou não, a minha opinião nunca é ouvida e também eu não faço falta porque acaba tendo uma exclusão”.</p>

Continua...

... continuação.

Prof^a Alice

Relação com os outros professores: “Difícilmente quando um professor titular falta, dificilmente ele vai falar assim: ‘continua a matéria que eu estava dando ontem’; então, eles [dizem: ele]‘se vira’, faltou, avisa em cima da hora, o diretor vai lá ‘olha, o professor faltou na sala... faz seu trabalho’; então, a gente tem que se virar, cada um por si”

Participação nas reuniões: (...) nunca fui nem convidada a participar de nenhum desses acontecimentos, não (...). Somente em festas.”

Prof^a Joana

Relação com os outros professores: “(...) nos últimos dias ficou ruim, porque os professores estavam em greve. O suporte pedagógico chamou a gente para estar substituindo; e fica complicado, que se está em greve tem que estar respeitando, não só a gente como eventual, mas também o pessoal do pedagógico, para estar respeitando a greve do pessoal aí (...)”.

Participação nas reuniões: Não, e a gente nem ganha para isso, não dá para ficar todo mundo aqui, então eu não participo, não.

Quadro 12 - Percepção dos professores entrevistados acerca Proposta Curricular do Estado

Prof. João

Sobre a proposta curricular do Estado: “(...) lá na escola, eles distribuíram, para os professores eventuais, e também a gente foi atrás na verdade, de saber, ler aquele material, saber o que os alunos estão estudando; é uma proposta que é muito boa, os conteúdos são bacanas; no entanto, a gente não tem os materiais que eles oferecem, que eles dão lá para as aulas, a gente não tem acesso a esses materiais e a esses recursos. Então, mesmo assim fica difícil desenvolver, ainda mais a gente como eventual, e os próprios efetivos, eles não têm os materiais para desenvolver aquilo, aquela proposta. E, outro caso, o tempo que se tem para desenvolver essa proposta curricular, os próprios cadernos específicos de cada disciplina, eles não têm o tempo hábil (...) então, o professor sempre está atrasado no caderno”.

 Continua...

...continuação.

Profª Beatriz **Sobre a proposta curricular do Estado:** Então... essa agora é a lei em todas as escolas(...). Todos os diretores querem que a gente siga a proposta e atinja os objetivos; quer que a escola tenha uma boa classificação no ranking e, principalmente, que todos consigam estar ganhando bônus(...). Eu tento não trabalhar a proposta, eu procuro estar trabalhando o que eu acredito que os alunos necessitam. Como eu dou aula de ciências, eu busco trabalhar sexualidade, prevenção de doenças, nessa linha, mas, muitos diretores não gostam. Eles querem que a gente trabalhe como se fosse um reforço dessa proposta; eu me pergunto: ‘será que realmente, o que essas provas estão pedindo é o que o aluno vai precisar para a vida dele?’ Então, é um tanto relativo”.

Profª Alice **Sobre a proposta curricular do Estado:** “O material eu até vi, não utilizo porque quem tem acesso é o professor titular da sala; (...) eu acho um material vago, porque o professor planeja uma coisa no começo do ano, e o material chega quase no meio do ano, quebra totalmente a rotina do professor, ele estava fazendo uma coisa e vai parar para começar a fazer outra coisa”.

Profª Joana **Sobre a proposta curricular do Estado:** “Olha, eu conheço. Como eventual, eu não utilizo porque, às vezes, a gente não tem nem acesso a esse material; é uma proposta boa só que tem algumas ressalvas, acho que é um pouco fora da nossa realidade, coisas que estão bem fora mesmo, às vezes os cadernos demoram para estar chegando, e eu acho que é uma coisa que prejudica também o trabalho”.

Quadro 13 - Perspectiva dos professores eventuais sobre seu futuro profissional

Prof. João	<p>Continuar como professor eventual: (...) “você ‘está’ professor eventual, porque, quando você está nessa condição (...), significa que você está começando a sua carreira docente, então, você vai aprender ali, na hora que você está aprendendo(...).”</p> <p>Prestar concurso público para professor titular: “Já fiz alguns concursos, já fiz um inclusive para a Prefeitura Municipal de São Paulo, passei, e vou assumir lá na Prefeitura de São Paulo. (...) na rede estadual por enquanto não, assim, pelo próprio salário que paga, que não paga tão bem, a Prefeitura de São Paulo paga bem melhor, e as condições de trabalho, acredito eu, que sejam melhores também”.</p>
Profª Beatriz	<p>Continuar como professor eventual: “Na área da educação sim, mas como professora eventual não, porque, se o professor atualmente já é desvalorizado, o professor eventual é mil vezes mais ainda, e isso por todos, pela direção, pelos próprios professores, pelos alunos, e todo mundo”.</p> <p>Prestar concurso público para professor titular: “Eu estou começando a fazer os meus primeiros concursos agora. Eu realizei alguns concursos públicos, alguns eu passei e outros não, e estou aguardando ser chamada”.</p>
Profª Alice	<p>Continuar como professor eventual: “Jamais, Deus me livre, a pior profissão que tem é o eventual; nada melhor do que você ter a sua sala, você fazer o que você tem que fazer, os alunos obedecerem, saberem que aquele é o seu professor”.</p> <p>Prestar concurso público para professor titular: “Já realizei concurso público sim, porém não quero atuar na área de professor, eu acho uma área complicada e pouco valorizada”.</p>
Profª Joana	<p>Continuar como professor eventual: “Não, não pretendo não, porque é uma situação muito difícil”.</p> <p>Prestar concurso público para professor titular: “Claro, ninguém quer continuar como eventual a vida inteira. No município, já estou como professora titular”.</p> <hr/>

Quadro 14 - Percepção dos professores entrevistados sobre a questão salarial

Prof. João	Questão salarial: “Nunca sei quanto vou ganhar (...) depende do tanto de aulas que eu der, só recebo se os professores faltarem muito”.
Profª Beatriz	Questão salarial: “Não, não dá, isso varia bastante, depende do número de aulas que eu leciono no mês. O começo do ano é mais difícil, geralmente a gente acaba recebendo menos porque o professor ainda tem [faltas] ‘abonadas’, férias sendo tiradas, faltas do TRE... então, fica mais difícil; agora, do mês de maio para frente, eles acabam faltando com uma maior quantidade e aí eu consigo tirar acho que igual a um professor de uma carga completa, mas, sem previsão”.
Profª Alice	Questão salarial: “É o mínimo, né? Porque você recebe as aulas que você substitui só, se o professor não faltar, você não vai receber nada; geralmente, mínimo mesmo... nem um salário mínimo”.
Profª Joana	Questão salarial: “Não, a gente não tem como saber quando você vai trabalhar, quando você tem suas aulas você sabe quanto, porque você vai ter tantas aulas, mas no caso do eventual não dá para saber, não”.

A situação relatada pelos professores entrevistados mostra muito claramente as dificuldades encontradas, desde a questão das relações com os outros professores, que mais uma vez evidencia a exclusão que sofrem dentro da escola em que trabalham, passando pelo acesso aos materiais utilizados pelos professores titulares (caso da Proposta Curricular), até as questões salariais. Vê-se que os professores relatam que não podem contar com um salário ao final do mês, pois o valor dependerá das ausências que substituirá. Assim sendo, as perspectivas profissionais destes professores, como mostra o quadro 13, são mínimas.

Quadro 15 - Como os professores definem o professor eventual

Prof. João

Definição do professor eventual: “Eu acredito que não é bem ‘ser’ um professor eventual, você ‘está’ professor eventual, porque , quando você está nessa condição, (...) no momento que você está aprendendo a lidar, no primeiro contato que você tem com os alunos, é como você vai lidar com a sala, como você vai lidar com os alunos que não estão interessados, principalmente, nesse sentido, como você vai lidar com essa questão, que você não recebe muito para isso, o desrespeito que tem com esses professores eventuais, e principalmente com o fato de você improvisar as aulas, mudar toda hora, ali na hora, vai ter que improvisar... Então, você vai aprender ali, se é isso que você quer, você vai aprender da pior forma possível a profissão de professor, que é na rede pública onde os alunos não estão interessados, são difíceis... É aí onde você vai ver o seu perfil, se é isso que você quer, se você quer seguir essa carreira, ou não; então, é o primeiro passo para ser um professor eventual, para você realmente conhecer (...)”.

Profª Beatriz

Definição do professor eventual: “Ah, é ser quebra-galho mesmo, essa é, infelizmente, a forma que todos nos enxergam dentro da escola, é o professor que vai ‘salvar’ ali, deixar os alunos dentro da sala de aula, entretidos com alguma atividade, seja ela qual for”.

Profª Alice

Definição do professor eventual: “Eu acho que é professor ‘bombril’, tem que ser mil e uma utilidades, o professor que faltar tem que substituir, tem que ajudar todo mundo a pesquisar, que ficam solicitando.... Essa é uma profissão que eu acho que ninguém merece, é péssimo e péssimo e péssimo, eu não recomendo para ninguém.”

Profª Joana

Definição do professor eventual: “Olha, difícil, hein! É uma realidade muito difícil, como eu já falei, o apoio que a gente não tem, e acho que é uma relação difícil (...) não saber quanto que você vai receber no final do mês; em relação ao apoio, o suporte pedagógico, também, eu acho complicado; então, tem vários pontos aí que eu acho que complica bem a vida do professor eventual”.

Os dados coletados, nas entrevistas, mostram, claramente, a situação de professores alijados do mínimo de consideração exigido para todo trabalhador. Com deveres estabelecidos por reação às necessidades momentâneas e sem nenhum direito, a não ser o de perceberem a situação deplorável injusta e desvalorizada à qual se sujeitam para, talvez, um dia, exercerem uma profissão para a qual desenvolveram estudos e a ela desejaram se dedicar.

Os entrevistados expressam o caráter indistinto do trabalho eventual, algumas vezes necessário, em outras ocasiões, dispensável. Denunciam a falta de apoio, a desvalorização a qual se submetem, a impossibilidade de planejar o próprio trabalho que, de fato, não é dele e que o torna, segundo a professora Beatriz, um “quebra-galho”.

Podemos inferir que esses professores estão construindo sua carreira docente sem o mínimo de valorização profissional, tanto por parte dos diretores de escola, coordenadores pedagógicos, pelos próprios professores da escola, quanto por parte dos pais e dos alunos. É de se supor que muitos jovens estejam abandonando a profissão, antes mesmo de terem “seus próprios alunos”, visto que a carreira não se mostra a eles nada interessante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma melhor compreensão dos achados dessa investigação, é importante retomar as questões de pesquisa, as hipóteses e os objetivos aqui propostos.

Com a **pergunta de pesquisa** “Qual é o perfil e que visão expressam acerca de seu trabalho, os professores eventuais de escolas da Diretoria de Ensino de Caieiras?”, estabelecemos as **hipóteses** de que a) a maioria dos professores eventuais que atuam na diretoria de ensino investigada, é formada por professores recém-formados, que buscam oportunidades de começo da vida profissional; b) esses professores percebem o trabalho que desenvolvem como um trabalho pouco valorizado, encontrando dificuldades em relacionar-se com os alunos; e c) eles começam a carreira profissional efetuando um trabalho em situações precárias, levando-os à desmotivação profissional.

O **objetivo geral** foi o de traçar um perfil dos professores eventuais da Diretoria de Ensino de Caieiras, sob o ponto de vista daquilo que expressam sobre seu trabalho. Outros objetivos foram definidos: a) conhecer como os professores pesquisados pensam o trabalho que desenvolvem e como percebem ser vistos pelo meio escolar em que atuam; b) reunir indícios que demonstrem a necessidade de maior atenção, tanto do poder público quanto do meio acadêmico, para o trabalho dos professores eventuais; c) contextualizar os fatores que influenciaram a existência destes professores; d) fornecer dados que embasem uma discussão sobre possíveis mudanças na atual condição de trabalho destes profissionais.

Diante dos dados levantados na pesquisa, algumas respostas nos foram sugeridas. Percebemos que são, na maioria dos casos, professores jovens, com pouco tempo de formação e formados em instituições privadas (com apenas uma exceção), nas mais diferentes áreas do conhecimento, com pouca variação no que diz respeito à divisão por gênero. Encontram-se, segundo Huberman (1995), na fase de *exploração*, momento em que estão descobrindo os aspectos da profissão e confrontando seus ideais com a realidade do cotidiano escolar.

Se, nessa fase, o professor experimenta papéis e avalia sua competência profissional, podemos questionar como tem sido esse processo para esse grande número de professores que entram na carreira docente como eventuais. De acordo com os dados encontrados por essa

investigação, esse primeiro contato com a profissão tem sido caracterizado pelo desrespeito profissional.

Para Gimeno Sacristan (1999), a prática pedagógica – ações que foram sendo utilizadas com frequência e que se solidificaram na rotina pedagógica, mas que podem ser alteradas a partir de ações interativas com outros docentes – é a solidificação coletiva das experiências. O trabalho docente não consiste, portanto, em executar tarefas mecanicamente, requer estabelecer sentido nos métodos e nas técnicas que se utiliza. Considerando que os professores eventuais iniciam a vida profissional sem possibilidade de preparar as suas aulas, como afirmaram nas entrevistas, atuando sempre de maneira improvisada e descontextualizada, poderíamos supor que essas práticas é que serão cristalizadas durante toda sua vida profissional.

Expressões como “*quebra-galho*”, “*bombri!*”, utilizadas pelos entrevistados durante a descrição do trabalho como professores eventuais, denotam como esses professores percebem serem vistos pelo sistema de ensino em que trabalham. Suas falas estão carregadas pelas condições precárias de trabalho a que são sujeitos. Eles percebem que não são tratados como “professores de verdade”, atitude que parte de diretores, funcionários, de outros professores e até mesmo dos alunos, que reproduzem aquilo que veem. Surgem as falas dos alunos, como a relatada pela Professora Alice: “... *nem professor você é...*”, reproduzindo aquilo que a escola lhes ensina.

Os dados confirmam, portanto, as hipóteses construídas nessa pesquisa: a maioria dos professores eventuais pesquisados são professores em início de carreira, buscando oportunidades de começo da vida profissional. Eles percebem o trabalho que desenvolvem como pouco valorizado, encontram dificuldades no relacionamento com os alunos e, por último, iniciam sua vida profissional em situações precárias e desmotivadoras.

À ausência de condições adequadas de trabalho para os docentes em geral provenientes da rede estadual, somam-se impedimentos de caráter pessoal, criando um contexto escolar onde o absentéismo docente torna-se parte do cotidiano e, em consequência, a necessidade do trabalho eventual. Essa figura nasceu quando o sistema ampliou o atendimento à demanda e não criou mecanismos para ampliar, efetivar e fornecer condições dignas para permanência do

professorado na escola em todos os dias letivos. Pela própria origem, a existência do professor eventual, dentro de um contexto de valorização da educação, teria um caráter transitório e não uma ação transitória que se cristaliza pela ausência de possibilidades.

Os dados mostram o caráter dúbio do papel do professor eventual, a um só tempo, importante face à ausência de algum docente – dele dependerá assegurar a permanência do aluno com atividade na escola, primeira condição para o trabalho pedagógico – e a sua desvalorização na maioria dos dias.

Dessa forma, torna-se uma “caixa de Pandora” dentro do contexto escolar: prepara-se para um trabalho que não consegue planejar, que não sabe se irá realizar e, se for realizá-lo, não sabe em qual série, para qual classe, de qual disciplina. É alguém fundamental, quando necessário, e invisível, embora presente na escola na maior parte das vezes. A sua existência e seu trabalho retratam a desvalorização profissional, que começa na forma de contratação (ou não-contratação) docente e passa pelas inadequadas condições de trabalho de um grande número de professores, especialmente os das escolas públicas e, ainda mais, daqueles que hoje trabalham como professores eventuais.

Poder-se-ia discutir se a profissão docente poderia estar sujeita a esse caráter de eventualidade. Além disso, outras questões, pouco exploradas, podem ser suscitadas: outros profissionais tradicionais, tais como médicos, advogados, engenheiros, também apresentam a necessidade de um substituto “eventual”? Por que as redes particulares de ensino não contam com esse profissional?

Assim, pode-se questionar: o professor eventual é um “problema” a ser resolvido na rede estadual paulista? Ou esse problema passa por questões como a valorização profissional docente? Podemos julgar que esses professores, hoje eventuais, serão os próximos professores titulares? Serão, então, valorizados? Aquilo que pensam será, enfim, ouvido?

Para mudar os índices de avaliações externas, que apontam, há vários anos, dificuldades dos alunos nos conteúdos mais elementares, como é o caso do SARESP, na rede estadual paulista, seria necessário repensar a política de valorização do professor. Professores valorizados e com condições adequadas de trabalho, com certeza, ausentar-se-iam menos e tornariam desnecessária a existência do professor eventual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel. Os Professores diante das mudanças educacionais. In: BICUDO, M. A.; SILVA JÚNIOR, C. A. (orgs.). 1999. *Formação do educador e avaliação educacional*, 3ed. São Paulo: UNESP.

ALVES, Sonia. 1998. *Professores efetivos, professores substitutos: caminhos persistências e rendição* norteados pelo tipo de contratação. Dissertação de Mestrado UFSC/Santa Catarina,

ARANHA, Wlington Luiz Alves. 2007. *Professores eventuais nas escolas estaduais paulistas: ajudantes de serviço da educação?* Dissertação de Mestrado, UNESP/Araraquara.

AZANHA, José Mário Pires. 2004. *Democratização do Ensino: vissitudes da ideia do ensino paulista*. São Paulo. Universidade de São Paulo

_____. 1991. *Uma ideia sobre a municipalização do ensino*. Palestra feita pelo autor em agosto de 1990 na Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP). SÃO PAULO Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000200005&script=sci_arttext

CAPES, Banco de Teses. Disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/> acessado em Setembro de 2009.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. 1995. *Trabalho docente e profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina.

DOURADO, Yvan Pacheco. 2009. *A Sociologia da Educação na constituição da formação docente em diferentes instituições de ensino superior*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP.

FERREIRINHO, Viviane Canecchio. 2004. *Começar de Novo: práticas de Socialização do Professor em início de carreira*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP.

FOLHA DE S. PAULO. Cotidiano. 11 de Novembro de 2007.

FONTANA, Claudionéia Aparecida. 2008. *Trabalho informal docente na rede pública de ensino do Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista/Piracicaba.

GATTI, Bernadete A. & BARRETO, Elba S. de Sá. 2009. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO.

GESQUI, Luis Carlos. 2006. *Organização da Escola, absentismo docente, discente e rendimento escolar*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

GIMENO SACRISTÁN, J. 1999. Consciência e ação sobre a prática profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (org). *Profissão Professor*. 2 ed. Porto/Portugal: Porto Editora.

_____. 1999. *Poderes instáveis em Educação*. Trad. de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas.

HUBERMAN, M. 1995. *O ciclo de vida profissional dos professores*. In: NÓVOA, A. (coord.). *Vidas de professores*. Porto/Portugal: Porto Editora.

MAGRO, Raquel Souza. 2008. *Professora substituta, auxiliar de professor ou professora auxiliar... Afinal quem somos nós?* Dissertação de Mestrado, UNICAMP/Campinas.

MASSUNGA, Marcelo Shoey de Oliveira & PINTO, José Antônio. 2005. *Professores de Física – uma tribo ameaçada de extinção*. Disponível em: <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/snef/xvi/cd/index.html>. Acessado em 01/06/2010.

MOURA, Rita Helena Troppmair de Almeida. 2004. *A Atuação do professor eventual: uma contribuição para o Meio Ambiente*. Dissertação de Mestrado, USP/Piracicaba.

NERY, Vanderlei Elias. 2000. *Os efeitos da reorganização do ensino fundamental em São Paulo no trabalho docente e nas estratégias familiares (1995 – 1998)*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

NÓVOA, António. 1999. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António. (org). *Profissão Professor*. 2ed. Porto/Portugal: Porto Editora.

_____. 2001. O professor pesquisador e reflexivo. Disponível em http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm. Acesso em Janeiro de 2008.

_____. 2007. *Desafios do Trabalho do professor no mundo contemporâneo*. Palestra realizada no Sindicato dos professores de São Paulo- SINPRO, São Paulo. Disponível em <http://www.sinprosp.org.br>.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. 2003. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In: _____ (org.). *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autêntica.

Portal Uol – 27 de junho de 2008 – Disponível em <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2008/06/27/ult105u6675.jhtm>. Acesso 25/02/2010

SANTOS, Silmar L. 2006. *As faltas de professores e a organização de escolas da rede municipal de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

SÃO PAULO, Decreto nº 24.948/86 - Disciplina as substituições nos impedimentos do Quadro do Magistério. *Diário Oficial do Estado de São Paulo de 2005*.

_____, Resolução 90/2005 - Dispõe sobre o processo anual de atribuição de classes e aulas ao pessoal docente do Quadro do Magistério. *Diário Oficial do Estado de São Paulo de 2005*.

SILVA JUNIOR, Celestino Alves da. 1990. *A escola pública como local de trabalho*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.

SPINELI, Giovanni Gonçalves Pereira. 2009. *O absenteísmo laboral docente em uma escola estadual de São José dos Campos e sua relação com o bônus mérito*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

UNESCO. 2004. *Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* São Paulo: Moderna.

WEBER, Max. 1963. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

ANEXOS

ANEXO 1:Roteiro para Questionário

1. Nome:
2. SEXO: () F () M
3. Local e data de nascimento:
4. Local onde reside:
5. Escola e cidade em que atua:
6. Tem outro vínculo empregatício? Em que ramo?
7. Tem curso superior concluído? Em qual curso?
8. Qual Universidade?
9. Caso tenha concluído o curso superior, em que ano concluiu?
10. Quanto tempo tem de experiência como professor eventual?
11. Em média, qual o valor do seu salário como professor eventual na rede estadual?
12. Possui outra fonte de renda?
13. Já participou de cursos de formação da Secretaria de Educação de São Paulo?
14. Em caso afirmativo, eram voltados à sua atuação como professor eventual?
15. Sabe quais são os critérios utilizados para sua admissão?
16. Defina a satisfação com seu trabalho: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim

ANEXO 2: Roteiro para entrevista semi-estruturada

1. Descreva como é a sua atuação na escola em que trabalha.
2. Costuma lecionar aulas somente da sua disciplina na área em que é formado? Descreva como se dá esse processo.
3. Sente-se preparado para desempenhar a função de professor eventual?
4. Quais são as maiores dificuldades encontradas na realização do seu trabalho?
5. Pretende permanecer trabalhando como professor eventual?
6. Como é sua relação com os outros professores da escola?
7. É avisado com antecedência das aulas que irá substituir?
8. Os professores titulares costumam fornecer materiais para que você utilize nas aulas que está substituindo?
9. Caso os professores não deixem suas aulas preparadas, como você as prepara? Que conteúdos trabalha?
10. O que pensa sobre a Proposta Curricular do estado? Conhece e utiliza esse material?
11. Participa do planejamento escolar, reuniões pedagógicas e HTPCs?
12. Como é sua relação com os alunos?
13. Já realizou ou pretende realizar concursos públicos para atuar como professor titular?
14. Acredita que desenvolve um bom trabalho?
15. Defina o que é ser professor eventual.

ANEXO 3: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistado – Professor João*

* Professor com formação em Arte. Atua como professor eventual há dois anos e tem um acúmulo de cargo em uma rede municipal como auxiliar de secretaria escolar.

Como é a sua atuação na escola que você trabalha.

Prof. João: A minha atuação na escola... eu vou lá para dar aulas todos os dias de manhã, chego lá e se tiver aula para dar, eu dou, e se não, eu fico lá na sala dos professores, pesquisando alguma coisa, e quando acaba o período de aula eu vou embora para casa, eu não tenho uma relação com outros projetos da escola, eu vou lá especialmente para dar aula e ir embora; eu tento participar de outros projetos, mas o tempo não permite, então, fico só nisso mesmo.

E você costuma lecionar somente para a disciplina que você é formado? Como que é esse processo?

Prof. João: Lá a gente acaba substituindo aulas de outras disciplinas, na maioria das vezes de outras disciplinas, e como não tem todos eventuais, não tem todos eventuais de cada disciplina, a gente acaba pegando; no entanto, eu dou aula só da minha disciplina, arte; que eu não vou dar aula de uma matéria que eu não conheça, não estudei; então, apenas de arte. O que acontece, às vezes, é tentar encaixar alguma coisa com um conteúdo daquela disciplina que estou substituindo, mas normalmente é de arte mesmo, e como a gente só sabe na hora ali, a gente tem que improvisar aqui ou ali, para ver se tem a ver com algum conteúdo.

Mas, essa orientação é da escola, da direção, coordenação, ou não? O que eles orientam?

Prof. João: Já tivemos orientação nesse sentido, de tentar seguir a matéria do que está sendo substituído, mas normalmente, como você não tem domínio sobre aquilo, então, você acaba ficando na sua própria área, e eles falam isso, então você não consegue desenvolver muito e fica na sua área que fica tranquilo.

Se o professor de matemática faltar, e você for substituí-lo, a aula vai ser de arte?

Prof. João: De arte e de repente com alguns enfoques na matemática, mas, isso não é sempre que acontece.

E você se sente preparado para desempenhar a função de professor eventual?

Prof. João: Sim, o problema é que a gente não tem espaço para desenvolver todas as atividades que a gente pensa, os projetos que a gente tem em mente, justamente pelo fato de não ter uma turma, uma classe fixa, que se encontra toda a semana; então, a gente pega uma sala hoje, a gente só vai pegar essa sala daqui uma semana, duas semanas, então, não são encontros regulares com a mesma turma, então fica difícil, aliás, fica impossível desenvolver um trabalho.

E quais outras dificuldades você pode apontar em relação ao seu trabalho como professor eventual?

Prof. João: Principalmente... talvez, a principal delas, a desvalorização do professor eventual como professor; isso parte primeiramente dos alunos, que eles não recebem, não entendem a gente como professor, eles acham que não vai contar nada para a nota deles, nada, e mesmo até dos outros professores efetivos da escola, que as vezes muitos deles, não é direto isso, mas, muitos deles não entendem que somos professores que tem um respeito como eles, um ponto de igualdade com eles. Eu acho que é isso sim, essas dificuldades.

E você pretende permanecer trabalhando como professor eventual?

Prof. João: Não, de maneira nenhuma, porque é um trabalho que você começa para você conhecer a profissão e tudo, mas, a desvalorização é muito grande e desestimula, e sem falar no salário, que é muito pouco, então, não dá mesmo para continuar nessa situação.

Mas pretende continuar trabalhando como professor?

Prof. João: Isso sim, mas como efetivo e tudo.

Como é a sua relação com os outros professores na escola?

Prof. João: Normalmente essa relação se dá com outros professores eventuais, que são da mesma situação, normalmente somos quase da mesma idade, então, a gente conversa muito. Em outros casos, apenas com professores efetivos que são já amigos, já conhecidos de outros momentos, de outros lugares; os outros professores normalmente a gente não conversa.

Você acha que existem grupos separados na escola, os professores efetivos e os professores eventuais.

Prof. João: Sim, acontece isso de uma certa maneira.

Você é avisado com antecedência pelos professores ou pela direção da escola sobre as aulas que você vai substituir?

Prof. João: Isso raramente acontece, normalmente quando acontece parte do próprio professor, mas como eu disse, é raro isso acontecer, a gente sabe no dia, quando a gente chega lá, quais os professores que faltaram e as aulas que a gente vai ter que substituir.

E quando você não é avisado como que acontece? Como você prepara suas aulas? Você já tem aulas prontas? Como se dá esse processo?

Prof. João: Lá a gente dá aula da sétima, oitava e primeiro ano do ensino médio, então, eu já tenho minhas aulas preparadas para essas séries, e as que eu pegar nesse dia eu vou trabalhar com as aulas que eu já preparei, e aí, sempre dá para mudar alguma coisa no meio do caminho, dependendo não dá porque a turma está estudando com o professor, a gente acaba adaptando, mudando algumas coisas, mas eu já preparo antes as aulas de acordo; mas se o professor deixa um material para a gente passar aí a gente só faz aquilo que o professor passou; normalmente é uma atividade pronta, uma prova, um texto para eles copiarem.

Neste caso, dos professores deixarem as aulas preparadas, isso é comum acontecer ou não?

Prof. João: Isso é raro acontecer, também, que eu me lembro eu posso contar nos dedos quantas vezes os professores deixaram material para passar, foram umas 3 ou 4 vezes num ano; normalmente não, eles não avisam, não deixam conteúdo.

Sobre a proposta curricular do Estado, agora, você conhece esse material? Você utiliza?

Prof. João: Sim, lá na escola eles distribuíram para os professores eventuais, e também a gente foi atrás na verdade, de saber, ler aquele material, saber o que os alunos estão estudando; é uma proposta que é muito boa, os conteúdos são bacanas; no entanto a gente não tem os materiais que eles oferecem, que eles dão lá para as aulas, a gente não tem acesso a esses materiais e a esses recursos, então, mesmo assim fica difícil desenvolver, ainda mais a gente como eventual, e os próprios efetivos, eles não tem os materiais para desenvolver aquilo, aquela proposta. E, outro caso, o tempo que se tem para desenvolver essa proposta curricular, os próprios cadernos específicos de cada disciplina, eles não tem o tempo hábil, eles demandam muito mais tempo do que a gente tem em sala de aula, então, o professor sempre está atrasado no caderno, e aí, eles ficam reclamando nesse sentido. Mas é muito boa a proposta, mas, na prática mesmo, é mais difícil de você ver ela ser realizada.

Sobre o planejamento escolar, você participa das reuniões de planejamento, das reuniões pedagógicas e das HTPCs?

Prof. João: Muito pouco eu participei, só quando normalmente eles convocam a gente para dar um recado geral, mas, em via de regra, eu e os outros professores não participamos, também pelo fato de que a gente não recebe por isso, nosso contato com a escola é apenas para ir lá e substituir os outros professores que faltam, então, a gente não tem esse contato nesse sentido.

Falando agora sobre concursos públicos na área da educação, você já fez concursos públicos na área da educação, pretende fazer, pretende se efetivar na carreira docente?

Prof. João: Já fiz alguns concursos, já fiz um inclusive para a Prefeitura Municipal de São Paulo, passei, e vou assumir lá na Prefeitura de São Paulo.

E a rede estadual?

Prof. João: Na rede estadual por enquanto não, assim, pelo próprio salário que paga, que não paga tão bem, a Prefeitura de São Paulo paga bem melhor, e as condições de trabalho acredito eu que sejam melhores também.

Você acredita que desenvolve um bom trabalho como professor eventual?

Prof. João: O meu trabalho, que eu procuro desenvolver com os alunos, eu acredito nele, eu acho muito bom; o que falta é o espaço e tempo para a gente poder desenvolver mais. Eu acredito que se eu tivesse tempo e mais espaço eu conseguiria desenvolver um trabalho melhor.

Defina: o que é ser um professor eventual.

Prof. João: Eu acredito que não é bem ‘ser’ um professor eventual, você ‘está’ professor eventual, porque , quando você está nessa condição de professor eventual , significa que você está começando a sua carreira docente, então, você vai aprender ali, na hora que você está aprendendo, no momento que você está aprendendo a lidar, no primeiro contato que você tem com os alunos, é como você vai lidar com a sala, como você vai lidar com os alunos que não estão interessados, principalmente nesse sentido, como você vai lidar com essa questão, que você não recebe muito para isso, o desrespeito que tem com esses professores eventuais, e principalmente com o fato de você improvisar as aulas, mudar toda hora, ali na hora, vai ter que improvisar... Então, você vai aprender ali, se é isso que você quer, você vai aprender da pior forma possível a profissão de professor, que é na rede pública onde os alunos não estão interessados, são difíceis...É ai onde você vai ver o seu perfil, se é isso que você quer, se você quer seguir nessa carreira ou não; então, é o primeiro passo para ser um professor eventual, para você realmente conhecer. Então, eu acho que é ‘estar’ eventual para depois você definir se você quer ser professor.

Entrevistada – Professora Beatriz*

* Formada em Biologia a professora trabalha como professora eventual há três anos.

Profª Beatriz defina como é a sua atuação como professora eventual?

Profª Beatriz: Bom, eu acredito que a minha atuação como professora eventual da escola seja boa, mas ela poderia ser melhor ainda se eu tivesse um apoio na parte pedagógica, se eu tivesse informação continuada.

Você costuma lecionar aulas somente da disciplina que você é formada ou não? Como se dá esse processo?

Profª Beatriz: “Então, geralmente na escola, o professor eventual é um tanto largado, mas, a exigência da maior parte das diretoras é que a gente de continuidade ao trabalho do professor, ou ele deixa a matéria já pronta ou a gente segue na disciplina de matemática, ou português, no que a gente entrar; agora, com essa proposta, eles gostam que a gente siga a apostila; então, e aí eu entro e procuro trabalhar a necessidade dos alunos relacionada a minha disciplina e não a outra que estou substituindo. Vê onde que o professor parou e dá continuidade; mas, como eu não gosto de entrar na sala e estar despreparada, e que os alunos percebam que eu não estou preparada para a aula, eu procuro fazer o meu próprio projetinho de acordo com a minha disciplina de ciências”.

Você se sente preparada para desempenhar a profissão de professora eventual na escola?

Profª Beatriz: No sentido da minha aula sim, pelo fato de eu preparar antecipadamente, tem um projetinho que eu apresento para a diretora; agora, pensando no global da escola, não, pelo fato de a gente ficar muito solitário e separado do grupo da escola.

Costuma dar muitas aulas como professora eventual? Como que é essa rotina?

Profª Beatriz: Sim, eu tenho um grande número de aulas porque as faltas dos professores são grandes, no começo do ano nem tanto, mas com o passar dos meses o número de faltas na escola vai aumentando e aí eu vou entrando bem mais vezes.

Quais as maiores dificuldades que você encontra no seu trabalho?

Profª Beatriz: Falta de apoio do suporte, porque no caso, a coordenação, a direção, só atendem os professores titulares, o sistema, que nunca tem nenhuma formação para a gente, nenhum tipo de formação ou capacitação; as reuniões que tem na escola, nós nunca somos chamados para participar e nunca tem nenhum tema relacionado ao nosso trabalho; ai acaba tendo inspetor querendo palpar no nosso trabalho, diretor, professor, todo mundo quer influenciar no trabalho que a gente está tendo na sala de aula. Os alunos acabam não considerando a gente como professor mesmo, da disciplina, então, a gente tem que ganhá-los, adquirir o respeito deles para poder ter um bom trabalho na sala de aula, que o que eles querem muitas vezes é ir embora; e também eu não sinto a ajuda dos professores que a gente substitui, muitos professores acabam não gostando, porque é certeza deles levarem a falta; porque existem falhas no decorrer do dia, o inspetor não marca, não registra no livro de ponto que o professor faltou, e quando a gente entra, como a gente vai ter que receber essa aula de determinado professor, é certeza que ele vai ter essa falta descontada no salário, então, muitas vezes eles não gostam da gente estar entrando e substituindo, porque ai evita a falha no sistema dentro da escola.

Falando sobre essa relação, como que é a sua relação com os professores? Com os outros professores da escola.

Profª Beatriz: Eu procuro ter uma boa relação com os professores, mas tem esse lado de muitos não gostarem dos professores eventuais, por causa disso que eu acabei relatando anteriormente, sobre a certeza da falta deles.

E você acha que existe alguma separação na escola, entre os professores efetivos e os professores eventuais?

Profª Beatriz: São grupos distintos, né? Nós, professores eventuais, na verdade, nós acabamos só quebrando o galho mesmo, sem nenhum trabalho a parte com a gente, nada nesse sentido.

E sobre os alunos, como é a sua relação com os alunos?

Profª Beatriz: Então, no começo eles não aceitam o nosso trabalho, porque eles poderiam estar jogando bola ou muitas vezes indo embora; ai, aos poucos a gente tem que estar adequando as nossas aulas de acordo com as necessidades dos alunos, o que eles gostariam de

estar aprendendo, e a gente vai tentando cativá-los e adquirindo respeito aos poucos; e a nossa aula tem que ser mil vezes mais interessante do que a aula do professor titular, para a gente poder dar uma aula de qualidade e eles prestarem atenção; porque os professores usam as notas como instrumento, para o aluno ficar com medo, então, é a ferramenta que eles usam muitas vezes para o aluno prestar atenção naquela aula que de repente não esteja tão interessante; mas a gente, como não temos instrumento nenhum, tem que ser mesmo pelo estímulo.

Você é avisada com antecedência sobre as aulas que você vai substituir?

Profª Beatriz: Algumas aulas sim, quando o professor avisa com bastante antecedência eles avisam, mas muitas vezes não; é por isso que é importante já ter um projetinho, aulas preparadas e diversificadas, para poder estar preparada para entrar na sala.

Os professores que faltam deixam essas aulas preparadas? Como funciona?

Profª Beatriz: Tem os professores que gostam de deixar a aula preparada para o eventual poder estar passando, e tem os professores que não gostam, que faltam....

Sobre a proposta curricular do Estado, você conhece, você utiliza esse material?

Profª Beatriz: Então, essa agora é a lei em todas as escolas, no sentido que todos os diretores querem que a gente siga a proposta e atinja os objetivos que é que a escola tenha uma boa classificação no ranking e principalmente que todos consigam estar ganhando bônus. Só que assim, eu tento não trabalhar a proposta, eu procuro estar trabalhando o que eu acredito que os alunos necessitem, como eu dou aula de ciências, eu busco trabalhar sexualidade, prevenção de doenças, nessa linha, mas, muitos diretores não gostam, eles querem que a gente trabalhe como se fosse um reforço dessa proposta; mas, eu tento evitar um pouco por causa que as vezes eu me pergunto: “será que realmente, o que essas provas estão pedindo é o que o aluno vai precisar para a vida dele?” Então, é um tanto relativo.

Você participa do planejamento escolar, das reuniões pedagógicas, das HTPCs?

Profª Beatriz: Não, eu não participo, as vezes que eu participo é por interesse próprio, para poder estar sabendo do interesse da escola; não que haja o convite, eu fico sabendo por outros professores e em algum momento, em algumas reuniões, eu procuro estar presente, mas, eu

estando presente ou não, a minha opinião nunca é ouvida e também eu não faço falta porque acaba tendo uma exclusão dos professores, o professor eventual, relacionada aos professores titulares, eles não escutam muito.

Quando você participa dessas reuniões, recebe por essas horas trabalhadas?

Profª Beatriz: Não, eu não recebo, eu vou por livre e espontânea vontade.

Você pretende continuar trabalhando na área da educação?

Profª Beatriz: Na área da educação sim, mas como professora eventual não, porque, se o professor atualmente já é desvalorizado, o professor eventual é mil vezes mais ainda, e isso por todos, pela direção, pelos próprios professores, pelos alunos, e todo mundo.

Você já fez concursos para se efetivar como professora?

Profª Beatriz: Eu estou começando a fazer os meus primeiros concursos agora. Eu realizei alguns concursos públicos, alguns eu passei e outros não, e estou aguardando ser chamada.

Em relação a sua renda, o seu salário como professora eventual, você consegue ter uma média, uma previsão, de quanto você vai receber no fim de cada mês?

Profª Beatriz: Não, não dá, isso varia bastante, depende do numero de aulas que eu leciono no mês; o começo do ano é mais difícil, geralmente a gente acaba recebendo menos porque os professores ainda tem 'abonadas', férias sendo tiradas, faltas do TRE... então, fica mais difícil; agora, do mês de maio para frente eles acabam faltando com uma maior quantidade e ai eu consigo tirar acho que igual a um professor de uma carga completa, mas, sem previsão.

Profª Beatriz defina o que é *estar* na condição de professor eventual.

Profª Beatriz: Ah, é ser quebra galho mesmo, essa é, infelizmente, a forma que todos nos enxergam dentro da escola, é o professor que vai 'salvar' ali, deixar os alunos dentro da sala de aula, entretidos com alguma atividade, seja ela qual for.

Entrevistada – Professora Alice*

* Professora com formação em Língua Portuguesa e Pedagogia. Trabalha como eventual há 4 anos. Possui acúmulo em uma rede municipal, com o cargo de secretária de escola.

Defina como é a sua atuação como professora eventual na escola em que você trabalha.

Prof^a Alice: Eu chego na escola de manhã, vejo se tem alguma sala sem professor, me encaminho para a sala de aula e dou minha aula, e vou embora; não tenho muito contato com o pessoal da escola, com a direção.

E quando não tem nenhum professor ausente você não dá aula, vai embora, permanece na escola esperando?

Prof^a Alice: Quando não tem professor e o pessoal da secretaria sabe que não vão faltar eu vou embora, caso tenha que ficar esperando a terceira ou quarta aula eu espero, para poder substituí-los.

Você costuma dar aulas só da área que você é formada, só dos professores de português...? Como se dá esse processo?

Prof^a Alice: Não, porque, geralmente o ensino fundamental e médio é um professor por disciplina, então, nem sempre o professor que falta é o de português ou de matemática; geralmente eu não trabalho a matéria que eu sou formada, eu trabalho com outros temas fora a matéria que eu sou formada.

Temas mais gerais...

Prof^a Alice: Isso. Temas gerais.

E você se sente preparada para trabalhar como professora eventual?

Prof^a Alice: Não, não me sinto preparada, eu acho que deveria ter cursos de alguma coisa, que fizesse o eventual ser mais valorizado, tanto pelo corpo docente como pelo corpo discente.

Quais são as maiores dificuldades que você encontra na realização do seu trabalho?

Profª Alice: É a falta de apoio, tanto dos professores, quanto da direção.

Você pretende continuar trabalhando como professora eventual?

Profª Alice: Jamais, Deus me livre, a pior profissão que tem é o eventual; nada melhor do que você ter a sua sala, você fazer o que você tem que fazer... os alunos obedecerem, saberem que aquele é o seu professor.

Então, a relação com os alunos não é muito boa?

Profª Alice: Bem complicado, que o aluno geralmente dá valor para o professor que dá a matéria para ele, para o eventual ele fala; ‘nem professor você é’; então, valorização, assim, nenhuma.

E a relação com os outros professores da escola, como que é? Você acha que existe alguma separação entre o trabalho do professor eventual e o dos professores titulares?

Profª Alice: Com certeza, dificilmente quando um professor titular falta, dificilmente ele vai falar assim: ‘continua a matéria que eu estava dando ontem’; então, eles ‘se vira’, faltou, avisa em cima da hora, o diretor vai lá ‘olha, o professor faltou na sala... faz seu trabalho’; então, a gente tem que se virar, cada um por si.

Você é avisada com antecedência sobre essas ausências, sobre essas faltas?

Profª Alice: Nunca, a gente só fica sabendo quando chega lá ‘ah, professor fulano não veio’ ... ‘ih, alguém tem que ir lá na sala de aula’

E os professores deixam as aulas preparadas?

Profª Alice: Não, nunca deixam.

Como que você faz?

Profª Alice: Geralmente eu preparo alguma coisa em casa, sempre tenho uma pastinha com alguma coisa preparada, ou de temas transversais ou de acontecimentos do dia-dia, da atualidade, do que está acontecendo.

Sobre as propostas curriculares do estado, você conhece esse material, você já viu, utiliza nas suas aulas?

Profª Alice: O material eu até vi, não utilizo porque quem tem acesso é o professor titular da sala; mas assim, eu acho um material vago, porque, o professor planeja uma coisa no começo do ano e o material chega quase no meio do ano, quebra totalmente a rotina do professor, ele estava fazendo uma coisa e vai parar para começar a fazer uma outra coisa.

Você participa do planejamento escolar, das reuniões pedagógicas, das HTPCs...?

Profª Alice: Não, nunca fui nem convidada a participar de nenhum desses acontecimentos não.

Você nunca participou de nenhum momento coletivo da escola?

Profª Alice: Nunca mesmo, somente em festas.

Você já realizou concurso público? Você pretende se efetivar na área da educação como professora?

Profª Alice: Já realizei concurso público sim, porém não quero atuar na área de professor, eu acho uma área complicada e pouco valorizada.

Depois dessa experiência como professora eventual é que você mudou de idéia?

Profª Alice: Sim.

Em relação ao seu salário, a sua renda, você tem uma previsão de quanto você vai receber no final do mês trabalhando como professora eventual?

Profª Alice: É o mínimo né, porque, você recebe as aulas que você substitui só, se o professor não faltar você não vai receber nada; geralmente, mínimo mesmo... nem um salário mínimo.

Defina o que é estar na condição de professora eventual para você.

Profª Alice: Eu acho que é professor bombril, tem que ser mil e uma utilidades, o professor que faltar tem que substituir, tem que ajudar todo mundo a pesquisar, que ficam solicitando.... Essa é uma profissão que eu acho que ninguém merece, é péssimo e péssimo e péssimo, eu não recomendo para ninguém.

Entrevistada – Professora Joana*

* Professora eventual há 4 anos. Formada em matemática, trabalha como professora de educação infantil em uma rede municipal.

Vou conversar agora com a Professora Joana. Professora Joana, descreva para mim como é a sua atuação como professora eventual na escola que você trabalha.

Profª Joana: Olha, a gente procura fazer o melhor possível, trabalhar com aulas que chamem a atenção dos alunos, para que a gente consiga desenvolver um bom trabalho na sala de aula.

Você costuma lecionar somente na disciplina que você é formada ou não? Como se dá esse processo?

Profª Joana: Geralmente não, a gente chega lá e ele vem com um horário e a gente entra em todas as áreas; eu procuro trabalhar um pouco de leitura/escrita e um pouco de matemática, embora não seja a leitura/escrita a minha área, minha área é matemática; mas eu procuro fazer esse trabalho para não estar entrando em outras áreas, que eu não tenho domínio das outras áreas para eu estar trabalhando.

Você pretende permanecer trabalhando como professora eventual?

Profª Joana: Não, não pretendo não, porque é uma situação muito difícil.

Quais são as maiores dificuldades que você encontra?

Profª Joana: Olha, uma das que eu acho a mais difícil é você chegar e ter que entrar na sala de repente numa área que você não domina, e não saber antes, com antecedência, o que você vai fazer lá, a área que você vai trabalhar. O apoio do suporte pedagógico é complicado também, a recusa dos alunos em relação a gente, eles se recusam a fazer atividades, eles chegam até a dizer: ‘‘ah , você não é professor, o que você está fazendo aqui?’’ Então, é muito difícil, acho bem difícil.

Os professores que se ausentam costumam deixar as aulas preparadas?

Profª Joana: Não, para mim nunca deixaram, eu sempre trabalho coisas que eu levo, preparadas por mim, da área de cada um não.

Sente-se preparada para trabalhar como professora eventual:

Profª Joana: Me sinto preparada... Estudei pra isso, mesmo sendo a realidade muito diferente do que eu pensava. As condições é que são difíceis, mas acho que tenho condições de fazer um bom trabalho.

Você conhece a proposta curricular do Estado? Conhece e utiliza o material?

Profª Joana: Olha, eu conheço, como eventual eu não utilizo porque as vezes a gente não tem nem acesso a esse material; é uma proposta boa só que tem algumas ressalvas, acho que é um pouco fora da nossa realidade, coisas que está bem fora mesmo, as vezes os cadernos demoram para estar chegando, e eu acho que é uma coisa que prejudica também o trabalho; o material é bom mas tem algumas ressalvas.

E a sua relação com os outros professores da escola?

Profª Joana: Bom, no geral é uma relação boa, só que assim, nos últimos dias ficou ruim, por que? Porque os professores estavam em greve, o suporte pedagógico convidou, chamou a gente para estar entrando nas salas de aula, para estar substituindo; e fica complicado, que se está em greve tem que estar respeitando, não só a gente como eventual mas também o pessoal do pedagógico, para estar respeitando a greve do pessoal ai; então, agora nos último dias ficou um pouco difícil.

Você acha que existe alguma separação na escola entre o grupo de professores efetivos e o grupo de professores eventuais?

Profª Joana: Como que eu posso explicar?! Eu acho assim, não por todos, mas assim, alguns eu acho que sim, existe um pouco de preconceito, discriminação; eu acho que pega um pouquinho, mas, assim, eu acho que isso tem mesmo, por alguns, não por todo o grupo.

Você já realizou concursos na área da educação? Você pretende realizar?

Profª Joana: Claro, ninguém quer continuar como eventual a vida inteira. No município já estou como professora titular.

Em relação ao seu salário você tem uma previsão de quanto vai receber ao final do mês?

Profª Joana: Não, a gente não tem como saber quando você vai trabalhar, quando você tem suas aulas você sabe quanto, porque você vai ter tantas aulas, mas no caso do eventual não dá para saber não.

Você participa do planejamento escolar no início do ano, participa das reuniões pedagógicas, no decorrer do ano ... das HTPCs?

Profª Joana: Não, e a gente nem ganha para isso, não dá para ficar todo mundo aqui, então eu não participo não.

Defina o que é estar na condição de professor eventual.

Profª Joana: Olha, difícil hein! É uma realidade muito difícil, como eu já falei, o apoio que a gente não tem, os alunos também são difíceis; então , você tem que estar com bastante atividades diferenciadas, bastante coisas assim, que chame a atenção mesmo, porque, se você não estiver com uma aula que chame a atenção você não consegue com que os alunos fiquem envolvidos com a sua aula e desenvolva um trabalho legal na sala de aula; e acho que é uma relação difícil, uma situação muito difícil para o professor eventual, e em todos os sentidos, no sentido de não saber a que horas você vai entrar com antecedência, não saber quanto que você vai receber no final do mês; em relação ao apoio, o suporte pedagógico, também, eu acho complicado; então, tem vários pontos ai que eu acho que complica bem a vida do professor eventual.

ANEXO IV: CÓPIA DO LIVRO PONTO

FOLHA DE FREQUÊNCIA

PROF. _____ RG _____ R/N _____
 SITUÇÃO PEB-I CATEGORIA Eventual JORNADA _____ DE TRABALHO DOCENTE _____
 CARGA SUPLEMENTAR _____ CARGA HORÁRIA _____
 DISCIPLINA (S) CIÊNCIAS MÊS/ANO MAIO/2009
 SEDE DE CONTROLE DE FREQUÊNCIA _____

3	4	5	6 AUSÊNCIAS																				
			DIAS	CARGA HORÁRIA UE / SCF	AULAS UNIDADE ESCOLAR - LOCAL								TOTAL		SALDO PENDENTE DO MÊS ANTERIOR								
					MÊS	SEMANA	CARGA HORÁRIA	SUBSTITUIÇÃO	REPOSIÇÃO	TOTAL GERAL	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	U.E. LOCAL	OUTRAS U.E.	GERAL	NATUREZA	SALDO PRESENTE
ASSINATURAS																							
	FERIADO	01	6																				
		02	6																				
		03	6																				
		04	6																				
		05	6	6																			
		06	6	5																			
		07	6	6																			
		08	6	6																			
		09	6																				
		10	6																				
		11	6																				
		12	6	6																			
		13	6	3																			
		14	6																				
		15	6	6																			
		16	6																				
		17	6																				
		18	6																				
		19	6																				
		20	6	6																			
		21	6	6																			
		22	6	6																			
		23	6																				
		24	6																				
		25	6																				
		26	6	6																			
		27	6	6																			
		28	6	3																			
		29	6	6																			
		30	6																				
		31	6																				

7 OBSERVAÇÕES

77216

HORÁRIO				
DIA DA SEMANA	SEG	TER	QUA	QUI
1ª				
2ª				
3ª				
4ª				
5ª				
6ª				
7ª				
8ª				
SUB TOTAL 1				

CARGA HORÁRIA - 1				
1º UE				
2º UE				
3º UE				
4º UE				
5º UE				
SUB TOTAL 2				
TOTAL C.P. DIÁRIA				

RESUMO FINAL

JORNADA _____

CARGA SUPLEMENTAR / CARGA HORÁRIA _____

LIMITE Anexo Decreto nº39.931/95 _____

ANOTAÇÕES:

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)